

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



ANDERSON MADSON OLIVEIRA MAIA

**JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: DESCONSTRUINDO
PERCEPÇÕES, ELABORANDO NOVAS POSSIBILIDADES**

Belém – PA
2018

ANDERSON MADSON OLIVEIRA MAIA

**JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: DESCONSTRUINDO
PERCEPÇÕES, ELABORANDO NOVAS POSSIBILIDADES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucélia de Moraes Braga Bassalo.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA

Maia, Anderson Madson Oliveira

Juventude e ensino médio: desconstruindo percepções, elaborando novas possibilidades /Anderson Madson Oliveira Maia; orientação de Lucélia de Moraes Braga Bassalo, 2018.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018.

1. Ensino médio - Belém 2. Jovens - Escolas públicas - Belém. I. Bassalo, Lucélia de Moraes Braga (orient.). II. Título.

CDD. 23° ed.373.81

Bibliotecária: Regina Ribeiro CRB-2 739

ANDERSON MADSON OLIVEIRA MAIA

**JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: DESCONSTRUINDO
PERCEPÇÕES, ELABORANDO NOVAS POSSIBILIDADES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucélia de Moraes Braga Bassalo.

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Lucélia de Moraes Braga Bassalo
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria das Graças da Silva
Avaliador Interno

Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão
Avaliador Externo

Aos jovens estudantes de Ensino Médio, moradores
da periferia de Belém

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré, por sempre estarem presentes, protegendo e abençoando meu caminho;

aos meus Pais, José Raimundo Nascimento Maia (In Memoriam) e Maria Lúcia Pinto de Oliveira, os quais Amo incondicionalmente e são minha principal referência de honestidade, lealdade, humanidade e solidariedade humana, obrigado por terem investido sempre na minha formação educacional;

à minha Esposa Joelma Queiroz, que é a mulher maravilhosa que amo e que Deus colocou na minha vida; para você Preta, que foi compreensiva, amiga, parceira e presente nos momentos que mais precisei;

Aos meus filhos Ana Beatriz, Ana Luisa e José Neto Maia, meus tesouros, minha vida e que amo muito, por terem compreendido os momentos em que não estive presente, pois precisava concluir a pesquisa;

às minhas irmãs Aldilene, Aldinéia, Sandra, Selma e Silvia Maia, que sempre estão presentes na minha vida e de meus filhos, além de acreditarem, confiarem e apoiarem meus projetos de vida, Amo vocês;

a minha Orientadora, prof Dr^a Lucelia Moraes Braga Bassalo, pessoa linda, humana, solidária, inteligente, competente e de um coração enorme;

A minha amiga e atuante pesquisadora, Professora Hamanda Pontes, que com carinho e humildade, contribuiu nos momentos em que mais precisamos, obrigado Hamandinha;

Por fim, mas não menos importante, a minha irmã de alma, Jacirene Vasconcelos de Albuquerque, amiga fiel, anjo de Deus, parceira presente e por quem tenho um enorme carinho; obrigado pelos conselhos e apoio nos momentos que mais precisei. Saiba que você tem um lugar reservado no meu coração.

Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração
Juventude e fé

(Milton Silva Campos Do Nascimento / Wagner Tiso Veiga)

LISTA DE SIGLAS

CA	Centro Acadêmico
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
DEED	Diretoria de Estatística Educacional
DCE	Diretório Central dos Estudantes
EJA	Educação de Jovens E Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUNDEF	Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental
FUNDEB	Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicilio
SEDUC	Secretaria de Estado e Educação
UEPA	Universidade do Estado do Pará
USE	Unidade SEDUC na Escola

RESUMO

MAIA, Anderson Madson Oliveira. JUVENTUDE NO ENSINO MÉDIO: desconstruindo percepções, elaborando novas possibilidades. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belém, 2018.

O presente estudo delimita-se em uma investigação acerca da juventude e o Ensino Médio, buscando desconstruir percepções e elaborar novas possibilidades de compreensão acerca de estudantes do Ensino Médio e moradores da periferia. O objetivo foi compreender as percepções dos jovens sobre as distâncias e aproximações entre suas expectativas e as experiências vivenciadas e desenvolvidas nas escolas públicas de Ensino Médio, de Belém do Pará, no período de 2014 a 2016. A pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e tem como base de sustentação teórico-metodológica os pressupostos da Fenomenologia Social de Alfred Schütz. Para a reunião dos dados, utilizou Grupos de Discussão (técnica de entrevista em grupo), segundo Ralph Bohnsack e para a análise, o Método Documentário, assim, como proposto na sistematização de Wivian Weller. Os sujeitos da pesquisa foram jovens, meninos e meninas que cursam o Ensino Médio regular noturno, pertencente à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Camilo Salgado, localizado no bairro Jurunas, em Belém/Pará, com idade entre 17 e 24 anos, que demonstraram interesse em cursar o ensino superior. Os resultados indicaram que os estudantes/jovens do Ensino Médio são tratados como objeto e não como sujeitos no processo de formação do ensino aprendizagem, que têm sonhos, desejos e que mesmo vivendo numa realidade muito dura e cheia de adversidades, pensam na melhoria da vida e na continuidade de estudos. Necessitam de escolas que incentivem, construam conhecimentos, que oportunizem a vivência de relações sociais emancipatórias, que os incluam no mundo digital, na era das informações e das novas tecnologias e que, acima de tudo, permita a participação na vida social, cultural e política com mais autonomia e cidadania.

Palavras Chave: Juventude. Escola. Ensino Médio.

ABSTRACT

The present study aims to investigate about High School youth, seeking to deconstruct perceptions and to elaborate new possibilities of understanding about students living on the outskirts of the city. Thus, we have looking for perceptions of the young people about the distances and approximations between their expectations and the experiences in Belém do Pará public high schools, from 2014 to 2016. This qualitative research has as basis of theoretical-methodological support the assumptions of the social phenomenology of Alfred Schütz's. In order to collect the research data, we used Discussion Groups (group interview technique) according to Ralph Bohnsack. For the analysis, the Documentary Method, as proposed in the systematization of Wivian Weller. The subjects of the research were youngsters, boys and girls who study in the night shift at the State School of Primary and Secondary Education Prof. Camilo Salgado, which is located in the neighborhood of Jurunas in Belém / Pará. The students aged between 17 and 24 years showed interest in attending higher education. The results indicate that the students / young people of the High School are treated as an object and not as a subject in the process of formation of teaching learning, that has dreams, desires and that even living in a reality very hard and full of adversities, think of the improvement of life and continuity of studies. They need schools that encourage, build knowledge, that give life to emancipatory social relations, include it in the digital world and new technologies. Besides that, allow participation in social, cultural and political life with more autonomy and citizenship.

Keywords: Youth. School. High school.

SUMÁRIO

I -O PERCURSO DE ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA	11
1.1 -A motivação e o interesse pela pesquisa	12
1.2 -Objeto de investigação e objetivos da pesquisa	15
1.3 - Caminho metodológico da pesquisa	22
II -JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E ENSINO MÉDIO	27
2.1 - JUVENTUDE: PERSPECTIVAS CONCEITUAIS.....	27
2.2 - Juventude e Escola.....	32
2.3 - JUVENTUDE E TRABALHO	37
III - JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO NA PERIFERIA DE BELÉM DO PARÁ.....	42
3.1 A pesquisa e o Jovem estudante do Ensino Médio do Bairro do Jurunas.....	42
3.2 - Juventude e Ensino Médio: ser estudante e morador da Periferia de Belém do Pará	52
3.3 - Juventude e Ensino Médio: experiências vivenciadas na Escola Estadual.....	68
3.4 - Juventude e Ensino Médio: projeções Futuras	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICE.....	86

I -O PERCURSO DE ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Nestas últimas décadas muito se avançou no conhecimento dos mecanismos que ainda persistem em reproduzir uma escola excludente, que pouco contribui para a formação integral dos alunos. Mas ainda é preciso avançar na compreensão da juventude e das relações com a escola, o que implica no desenvolvimento de investigações que centrem suas atenções nos jovens reais (DAYRELL, 2000, p. 121)

A reflexão em torno do papel da escola e sua contribuição social é frequente entre os estudiosos da educação no Brasil. Entretanto, assim como apontado pelo autor, ainda é preciso ampliar e aprofundar o olhar a partir daquele que é sua meta e partícipe, o estudante e em nossa perspectiva, o jovem estudante. Para Sposito (2000), a realização de estudos sobre o tema da Juventude na área da Educação, constitui de certa forma, um desafio, pois trata-se de um objeto de estudo ainda pouco consolidado na pesquisa, não obstante a sua importância política e social.

De acordo com Bassalo (2012; 2015) a conceituação mais frequente sobre juventude se refere a concepções atreladas a faixa etária, fase da vida ou geração do futuro, que tendem a desvalorizar as experiências vividas pelos meninos e meninas em nome do futuro em que ele/ela será adulto, uma vida que é vivida e não é considerada. Por outro lado, um segundo conjunto de perspectivas, segundo a autora, reconhece o /a jovem na sua condição histórica e material. É nesta segunda acepção a que nos vinculamos, pois, os/as jovens formam um grupo geracional com percepções, opiniões e posicionamentos que devem ser valorizados e, suas vozes, colocadas à escuta.

Para um melhor entendimento do processo inicial de construção da pesquisa organizamos a primeira seção em três eixos de discussão, quais sejam: A motivação e o interesse pela pesquisa; Objeto de investigação e objetivos da pesquisa e, Caminho metodológico da pesquisa.

1.1 -A motivação e o interesse pela pesquisa

A contemporaneidade está sendo marcada por complexidades em todos os âmbitos da vida humana. Uma dessas nos remete as discussões acerca da juventude no contexto escolar que vêm alcançando relevante destaque, principalmente em relação ao desafio de sua formação para o trabalho e cidadania. Nesse sentido, a escola e o professor assumem papéis importantes, uma vez que lhes cabe buscar estabelecer uma relação mais próxima da educação formal com a realidade do jovem que está cursando o Ensino Médio.

Pode-se considerar que na escola se desenvolvem aproximações com a ideia de continuidades dos estudos e avaliação de si no futuro de tal modo que estar na escola no Ensino Médio implica na construção da identidade dos jovens e evidencia a necessidade de colocar-se a escuta de suas opiniões sobre o processo de formação no qual estão inseridos. Para tal, a escola, por meio de seus profissionais, em especial o professor, deve estar preparada para percebê-los como sujeitos socioculturais, que se caracterizam para além do fator idade, pois há um conjunto de elementos que interferem em sua condição juvenil. Esta perspectiva implica tratar de “compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios” (DAYRELL, 2006, p.140).

Nesta linha de pensamento, a escola se configura como um espaço sociocultural, que por um lado expressa uma lógica institucional conformada por um conjunto de regras e normas e, por outro, torna-se palco, no cotidiano, de uma “complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos” (DAYRELL, 2006, p.137).

A escola é essencialmente um espaço coletivo, um lugar de encontro e interações sociais. Relações que extrapolam os tempos e espaços minimamente ordenados e permitidos pela instituição. Na sala de aula, outra face dessa dimensão se revela. O encontro entre professor e aluno é o que instaura a condição docente, uma vez que um só existe na relação com o outro. Pertencentes há tempos e culturas distintas, ambos se armam de representações, o que de acordo com Sposito (2006), quase sempre nasce da elaboração de uma imagem estereotipada originada na mídia. Com tantas certezas e verdades construídas entre si, isso resulta em difícil construção de uma relação em sala que seja pautada pela alteridade e respeito mútuo.

Nesta breve contextualização para a elaboração do objeto de estudo, incluímos situações cotidianas que contribuíram para definição da pesquisa. Ainda na juventude, quando no Ensino Médio, auxiliava outros jovens e crianças na compreensão de assuntos escolares não assimilados em sala de aula. A recorrente solicitação desse auxílio, trabalhado voluntariamente, com metodologias que compartilhavam conhecimentos tidos na formação educacional possibilitava sociabilizar habilidades com o uso de reforço escolar a outros estudantes.

Essas integrações e oportunidades fomentaram a escolha no âmbito acadêmico, na educação superior, pelo curso de Pedagogia. Aprovado na seletiva da Universidade do Estado do Pará buscou-se inserir em atividades fora da sala de aula, entre elas, na adesão aos movimentos estudantis locais, como Centro Acadêmico (CA) e Diretório Central de Estudantes (DCE). Da participação, despertou a luta pelos direitos no campo da Educação e, por vezes lesados, ocasionando discussões em prol de melhorias no setor educacional, na militância e em reivindicações específicas na universidade.

Após essa trajetória e concluída a graduação superior, surgiu nova oportunidade. Como Técnico em Educação na UEPA, pode-se ampliar participação, atuando na assessoria pedagógica. Nessa função, se promovia a identificação dos ideais provenientes do ensino estudantil, pelo início da carreira acadêmica. A proposta base de apoio, orientação pedagógica e no acompanhamento das práticas educativas utilizadas pelos docentes em sala de aula, indicaram dificuldades, entraves e contribuições vindas do período escolar no Ensino Médio e presentes entre os estudantes universitários.

Dessas atividades, brotaram frutos com a participação de diversos acadêmicos do curso de Pedagogia e de Formação de Professores¹ que, ganhou volume e chegou à Secretária Adjunta de Educação, a nível Estadual, pela assessoria técnico-pedagógica, visualizando e contribuindo com a promoção e desenvolvimento de políticas públicas inerentes à educação e à juventude. Deve-se destacar a elaboração e autoria do projeto “De Olho na Universidade”, como forma de dar maior atenção aos jovens do Ensino Médio público que buscavam adentrar a universidade, mas necessitavam de formação mais acessível e significativa que, muitas vezes, não era trabalhada pelos professores em sala de aula.

Na caminhada profissional a admissão, como Professor na Universidade do Estado do Pará – UEPA, por meio de concurso público, provocou o anseio de obter maior formação acadêmica, em nível de pós-graduação. Fomentada pela identificação à área de interesse voltada a juventude, Ensino Médio e Formação de Professores, e a necessidade junto à trajetória pessoal, foram expressas na aprovação no Mestrado em Educação da UEPA, aonde o interesse em estudos sobre a juventude paraense me conduziram a desenvolver a proposta de pesquisa sobre a relação juventude e Ensino Médio, visando a desconstrução de percepções sobre o jovem da periferia de Belém e discutir a elaboração de novas possibilidades de desenvolvimento pessoal e educacional.

Desenvolver uma pesquisa que se volta a entender a juventude na escola possibilita discussões acerca do desenvolvimento de valores como solidariedade, respeito às diferenças, igualdade de oportunidades tão caras a vida social, à cultura, à educação, contribuindo para as agendas de políticas sociais que visem o grupo juvenil, sua atuação no espaço público e na sociedade em geral.

Em termos acadêmicos, pode prover elementos para a tomada de decisão acerca de mudanças nas matrizes curriculares dos cursos de formação de professores, norteados por invisíveis concepções clássicas sobre a juventude, considerando-a como uma fase transitória, uma passagem da infância para a fase adulta, passando a eleger atributos socioculturais da dimensão formativa da juventude, que possam ser absorvidos na formação de futuros docentes, assim como

¹ O Curso de Formação de Professores para o Pré-Escolar e 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental era ofertado pela UEPA e foi extinto em 2004, devido a Resolução n. 01, de 15 de maio de 2006 do CNE, que reorganizou a formação de professores no Brasil, orientando que o Licenciado Pleno em Pedagogia seria também habilitado a ser professor da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

valorizar aqueles referentes à formas de experimentação e à participação características do jovem na sociedade.

No âmbito da formação profissional, a qualificação para atuar na educação de jovens é desmerecida nos conteúdos dos cursos e o estudo sobre o jovem no Ensino Médio pode, por meio de saberes revelados na pesquisa, consubstanciar práticas educativas, que valorizem as particularidades e experiências juvenis como elementos fundamentais do papel da escola, além de pensar em posturas docentes mais flexíveis que reconheçam o jovem como sujeito, como protagonista do tempo presente e de seu processo de ensino, capaz de apontar rumos e soluções para as questões que lhe dizem respeito. E, principalmente, contribuir para a conscientização da importância de uma atitude de escuta do jovem estudante que frequenta o Ensino Médio.

1.2 -Objeto de investigação e objetivos da pesquisa

Apesar de toda a discussão acerca da relação juventude, escola Ensino Médio e formação de professores é essencial que se evidencie novas possibilidades de estudo em torno da Educação Básica. Assim, nesta pesquisa propomos uma inversão no modo de olhar a juventude e sua relação com o Ensino Médio, colocando no centro da análise as percepções do/a jovem estudante sobre a escola e a construção de sua identidade para que vislumbre novas possibilidades.

O distanciamento entre a juventude e a educação formal é visível nos últimos anos. A maioria dos jovens não desenvolve sentimentos de pertencimento em relação ao Ensino Médio e a contribuição na formação de sua identidade, afastando-se cada vez mais da escola. Esse distanciamento gera uma forma de desinteresse acerca dos conhecimentos vivenciados na escola. Podemos perceber os reflexos dessa relação nos mais baixos resultados desse nível de ensino na educação brasileira.

O contexto da educação no Brasil, até o final do Século XX, priorizou suas ações no ensino fundamental para suprir a baixa escolaridade da população brasileira. Observa-se que em 1996 foi criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF), que repassava aos Estados e municípios verba conforme o número de matrículas no ensino fundamental visando a melhoria da qualidade de ensino (CURY, 2017).

Com o passar dos anos, os estudos e os indicativos deixaram evidentes que os recursos destinados à Educação Básica, como mecanismo de ampla redistribuição de recursos vinculados à educação no país, se fazia necessária para que todas as etapas e as modalidades desse nível de ensino, e os entes governamentais que as oferecem à sociedade, pudessem contar com recursos financeiros com base no número de alunos matriculados, concorrendo, dessa forma, para a ampliação do atendimento e a melhoria qualitativa do ensino oferecido, pois um grande crescimento de matrículas no Ensino Médio em decorrência do aumento dos concluintes do ensino fundamental. Os dados levantados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008 (PNAD-IBGE) mostram que o atendimento aos jovens de 15 a 17 anos, pela primeira vez, superou a barreira de 84%.

Para tentar resolver a situação foi criado em 2007 o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) contemplando o Ensino Médio com repasses de verba. Contudo, o agravamento de situações como a falta de políticas para formação (inicial e continuada) e a precária infraestrutura do sistema público de ensino, levam ao ápice da crise no Ensino Médio, bem como o sucateamento das escolas que ofertam esse nível de ensino (CURY, 2017).

Dados disponíveis no site da Diretoria de Estatísticas Educacionais, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira² evidenciam que a população jovem cursando o Ensino Médio no Brasil foi de 10.466.217 em 2014, para 10.240.208 em 2015 e para 10.453.379 em 2016. Sendo que, no ano de 2016, ocorreu uma queda de 0,001% em relação a 2014.

No Estado do Pará, houve um movimento inverso, já que a população jovem cursando o Ensino Médio em 2016 foi de 450.636, o que representa um aumento de 0,014% em relação a 2015, considerando que o número de alunos jovens matriculados era de 444.323 neste ano. Se considerarmos a relação entre os que cursaram o Ensino Médio em 2014 o que totalizava 440.917 estudantes, o aumento será de 0,021% em 2016 (IBGE, 2016).

No que se refere a cidade de Belém/PA, no ano de 2014, 90.316 alunos jovens cursavam o Ensino Médio. Já em 2015, o número correspondeu a 88.692, um

²www.inep.gov.br

decréscimo de 0,017%. Em 2016 caiu para 88.476 representando um decréscimo de 0,020% em relação a 2014³.

Em linhas gerais, esse panorama apresenta características do Ensino Médio no Brasil, em termos de políticas públicas e de dados referentes a alunos cursando o Ensino Médio, principalmente se for levado em consideração que a média de escolaridade da população aumentou em 2006 com a Lei n. 11.274 de 06 de fevereiro de 2006, para 9 anos de estudo o Ensino Fundamental e com a Emenda Constitucional n. 59 de 11 de novembro de 2009, que alterou a Constituição de 1988, passando a ser obrigatório 14 anos de estudo, somando dois do infantil aos nove do ensino fundamental e três do médio (INEP, 2016). Vale destacar também que o nível de instrução da população brasileira cresceu de 2007 para 2014, sendo que o grupo de pessoas com pelo menos 11 anos de estudo, na população de 25 anos ou mais de idade, passou de 33,6% para 42,5% em 2014. (IBGE, 2016).

Apesar da conjuntura atual, na qual os indicadores do Ensino Médio divulgados são desfavoráveis a juventude, rotineiramente acusada de comodista e individualista, os jovens estudantes secundaristas, numa demonstração de maturidade política, se organizaram para protestar contra os formuladores de política educacional pela falta de diálogo em relação a seus anseios, as suas reivindicações em relação à reformulação do Ensino Médio. Apoiados por professores e uma parte significativa da sociedade civil organizada, iniciaram movimentos de ocupações no Paraná, denominado de Ocupa Paraná, para protestar contra a reforma do Ensino Médio - Medida Provisória 746 e contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, que congela e limita o investimento pelo poder público em Educação por 20 anos.

Os estudantes protestaram, mesmo sobre duras reprimendas da Polícia Militar, contra a divisão que poderiam sofrer em relação à sua formação, ou seja, jovens que terão acesso a um ensino propedêutico e aqueles que vão ter acesso a um ensino técnico com qualidade duvidosa. No estado do Pará⁴ também ocorreram várias ocupações de escolas e universidades como protesto as ações do governo federal e estadual. Estudantes do Ensino Médio fecharam vias importantes da cidade e participaram de atividades diversas promovidas em suas próprias escolas.

³ Os dados foram coletados pelo pesquisador na Secretaria Adjunta de Logística, no setor do Censo Escolar da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC/PA).

⁴ A mídia realizou a cobertura desta ação e as matérias podem ser consultadas em: <www.diarioonline.com.br/.../noticia-391858-estado-vai-fechar-65-escolas-em-19-municipios> e <www.g1.globo.com/pa/para/.../alunos-da-terra-firme-ocupam-escola-contra-pec-55.html>.

O cenário do Ensino Médio no Estado do Pará possui os mesmos condicionantes do que acontece na realidade brasileira, uma vez que essa etapa da Educação Básica é marcada pelo abandono e reprovação e de baixos resultados no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Essa realidade tem demandado discussões sobre a eficiência dessa etapa frente aos resultados alcançados pelos jovens paraenses nessa e em outras avaliações.

As reflexões sobre o Ensino Médio no Estado do Pará, assim como em outras regiões do Brasil, estão relacionadas à questão de financiamento, organização curricular, formação dos professores e, especialmente, ao protagonismo juvenil em relação ao trabalho, cultura, ciência e tecnologia para viver na sociedade contemporânea.

As informações referentes à situação de alunos do Ensino Médio confirmam a importância de reflexões acerca da juventude no Brasil e, mais especificamente, no Estado do Pará principalmente se consideramos os dados referentes à evasão e reprovação neste nível de ensino. Para apresentarmos os dados referentes à evasão e reprovação, tomemos por base de análise a população jovem absoluta apresentada anteriormente cursando o Ensino Médio no Brasil, seguindo de dados disponibilizados pela Diretoria de Estatísticas Educacionais DEED/INEP/MEC, disponibilizados na tabela abaixo.

QUADRO I: SITUAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

ANO / LOCAL	POPULAÇÃO JOVEM			EVASÃO			REPROVAÇÃO		
	2014	2015	2016	2014	2015	2016	2014	2015	2016
BRASIL	10.466.217	10.240.208	10.453.379	620.194	545.949	532.911	1.000.710	922.910	859.825
PARÁ	440.917	444.323	450.636	57.800	60.221	61.465	43.428	36.779	35.891
BELÉM	90.316	88.692	88.476	7.799	7.788	7.745	9.742	7.800	6.714

Fonte: Dados do Censo Escolar de 2014, 2015 e 2016 - INEP sistematizados pelo pesquisador

Ao considerarmos o total da população jovem brasileira cursando o Ensino Médio de 10.466.217, e os dados referentes à evasão, verificamos que ocorreu um declínio de 0,119%, considerando os anos 2014-2015 e de 0,140% entre 2014-2016. Em termos do Estado do Pará ao contrário aumentou a taxa de evasão em 0,041% no período 2014-2015 e de 0,063% de 2014-2016. No município de Belém essa realidade representa um decréscimo de 0,001% nos anos de 2014-2015 e de 0,006% no período 2014-2016. Os dados deixam claro que no Brasil em termos gerais os índices de evasão diminuíram, mas se direcionarmos nossas análises para região norte, mas especificamente o Estado do Pará expressa um aumento significativo da taxa de evasão. Como demonstrado, estudos anteriores apontam como fatores para evasão escolar a falta de políticas públicas de financiamento e formação de professores. Além da necessidade de construção de uma proposta de escola de Ensino Médio que considere o jovem e seu processo de formação.

Em termos de reprovação, tomando o total de 10.466.217 da população jovem brasileira cursando o Ensino Médio, permite verificar que ocorreu um declínio nas taxas de reprovação de 0,077%, considerando os anos de 2014-2015 e de 0,140% entre 2014-2016. No Estado do Pará, ao contrário, aumentou o total de jovens cursando o Ensino Médio, considerando que no período 2014-2016 a taxa de crescimento foi de 0,022%. No município de Belém essa realidade representa o inverso, pois as matrículas dos jovens no Ensino Médio de 90.316, em 2014, diminuíram para 0,020% quando considerado o período de 2014-2016.

Dado esse contexto, este projeto pretendeu realizar uma investigação sobre a juventude e o Ensino Médio, para o entendimento das percepções dos jovens sobre as distâncias e aproximações entre suas expectativas e as experiências proporcionadas pelas escolas de Ensino Médio de Belém do Pará, deve-se, entretanto, ressaltar que esta ideia deu-se primeiramente, pela relação pessoal, acadêmica e profissional desenvolvida ao longo de minha própria trajetória como estudante e, mais recentemente, como docente.

O contato com resultados de pesquisas sobre a relação Juventude, formação de professores e Ensino Médio, publicadas no período de 2005-2016 e, disponíveis na plataforma *Scielo*, caracterizam-se como outro fator que despertou o interesse pelo estudo. Os temas abordados nas investigações estão ligados a reforma do Ensino Médio nos anos 1990 (ZIBAS, 2005); avaliação do Ensino Médio (MORAES; ALAVARSE; 2011); desafios do Ensino Médio no Brasil (KRAWCZYK, 2011);

juventude pobre, violência e cidadania (LOPES; ADORNO; MALFITANO; TAKEITI; BORBA; 2008); juventude, projetos de vida e Ensino Médio (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011); juventude e escola (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011; SILVA; PELISSARI; STEIMBACH, 2013; TOMAZETTL; RAMOS; SALVA; OLIVEIRA; SCHLICKMANN, 2011); juventude, escola e trabalho (REIS, 2012); evasão escolar no Ensino Médio (SOUSA; SOUSA; QUEIROZ; SILVA, 2011). Entre essas pesquisas destacaremos duas, as relacionadas ao estudo que consideram as perspectivas juvenis na sua relação com a escola e no Estado do Pará.

No que se refere ao estudo sobre a Juventude, projetos de vida e Ensino Médio, Leão, Dayrell e Reis (2011) realizaram uma pesquisa acerca da juventude, projetos de vida e Ensino Médio com jovens estudantes do Ensino Médio do estado do Pará, tendo como objetivo analisar a relação da realidade do Ensino Médio, na ótica dos jovens, com seus projetos de vida e as contribuições da escola para sua realização, sendo importante registrar que a metodologia utilizada foram os grupos de discussão. Os resultados obtidos foram uma grande diversidade de projetos de vida juvenis, em um cenário sociocultural marcado pelas incertezas, pois a escola é alvo de muitas expectativas, mas com limites em corresponder suas demandas.

No estudo que trata da relação entre Juventude e escola, Leão, Dayrell e Reis (2011) investigaram o olhar dos estudantes jovens sobre a escola do Ensino Médio e foi realizada no Pará, em duas cidades do interior do estado (Mojú e Santarém) e na capital, Belém. A pesquisa objetivou partir de uma discussão geral sobre o contexto do Ensino Médio no país e a relação com a juventude para tomar a realidade específica das escolas paraenses segundo o olhar dos jovens pesquisados, entendendo assim quais as expectativas juvenis com relação às experiências oferecidas pelas escolas. A metodologia empregada foram os grupos de discussão, onde 245 jovens participaram. Os resultados obtidos identificaram contribuições das escolas para a realização de suas demandas e expectativas, mas também detectou lacunas e impasses apontados pelos participantes da pesquisa.

Nesse sentido, a questão principal que esta pesquisa nos desafia a entender se refere ao seguinte questionamento: Como os jovens percebem as distâncias e aproximações entre suas expectativas e as experiências vivenciadas e desenvolvidas nas escolas públicas de Ensino Médio, de Belém do Pará, no período de 2014 a 2016?

A dimensão das discussões acerca da tríade juventude, escola e Ensino Médio requer um aprofundamento sobre a complexidade das questões relacionadas aos jovens, sujeitos dos processos educativos. Considerando esse aspecto, apresentamos as questões que nortearam nossa investigação:

- a) Como o jovem, estudante das escolas públicas de Ensino Médio de Belém se define como jovem?
- b) Como o jovem estudante percebe o Ensino Médio?
- c) Como os estudantes percebem a relação entre suas expectativas e as experiências vivenciadas no Ensino Médio?
- d) Como os jovens estudantes das escolas públicas de Belém delineiam suas expectativas ao concluírem o Ensino Médio?

Considerando a relevância da investigação em relação às discussões acerca da relação juventude e Ensino Médio, o objetivo geral desta pesquisa foi o de compreender as percepções dos jovens sobre as distâncias e aproximações entre suas expectativas e as experiências vivenciadas e desenvolvidas nas escolas públicas de Ensino Médio, de Belém do Pará, no período de 2014 a 2016.

De forma mais específica, buscou-se:

- a) Caracterizar o jovem das escolas públicas de Ensino Médio de Belém;
- b) Analisar as percepções do jovem das escolas públicas de Belém sobre o Ensino Médio;
- c) Discutir as percepções dos jovens sobre a relação entre suas expectativas e as experiências vivenciadas no Ensino Médio;
- d) Discutir as expectativas dos jovens das escolas públicas de Belém ao concluírem o Ensino Médio.

As repostas a estas indagações e objetivos possibilitaram o desvelar de informações significativas sobre a juventude, em especial da cidade de Belém, em relação à construção de suas percepções a partir de seu contexto educacional na escola de Ensino Médio, na complexidade da sociedade do Século XXI.

1.3 - Caminho metodológico da pesquisa

Nesta pesquisa, tendo em vista o delineamento do objeto em estudo, optou-se por desenvolvê-la sobre a orientação da Fenomenologia, que pareceu-nos ser mais adequada para o alcance dos objetivos. Entretanto, ressaltamos desde já que utilizamos nesta pesquisa a perspectiva da fenomenologia social. A descrição fenomenológica é fundamental, para evitar que nossas vivências habituais não nos permitam evidenciar o fenômeno em si mesmo, permitindo questionar o fenômeno que desejamos compreender (SILVA, 2008).

Essa abordagem nos possibilitou desvelar a interpretação dos jovens sobre sua relação com a educação, suas expectativas nas escolas de Ensino Médio, desconstruindo representações consolidadas ao longo dos anos, visando desvelar possibilidades reais de formação pessoal e profissional.

Nesse sentido, as contribuições da fenomenologia social, para Schutz (1979), estão presentes no mundo social que constituem a realidade social das pessoas que nele vivem. A pessoa nasce num mundo que existia antes de seu nascimento e que, logo de partida, não é um mundo simplesmente físico, mas, sobretudo um mundo sociocultural.

Tendo por base de sustentação teórico-metodológica os pressupostos da fenomenologia social, o estudo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa, uma vez que nossa intenção não está relacionada apenas com a representatividade numérica de jovens na educação básica ou com o que os recortes estatísticos possam demonstrar deste nível de ensino. Volta-se para a possibilidade de contribuir com o aprofundamento da compreensão da juventude, em relação ao que esperam, desejam, projetam ao ingressarem no Ensino Médio, visando ainda discussões acerca de fatores que acarretam seu afastamento e evasão da escola.

Considerando a afirmação de Lakatos e Marconi (2007) sobre a pesquisa de campo, esta tem o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos, no caso desta investigação sobre as percepções da juventude no Ensino Médio, para o qual se procura a resposta sobre o objeto de estudo e investigação desta pesquisa, possibilitando, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles, por meio de dados sobre a juventude nas escolas de Ensino Médio de Belém do Pará para, mediante procedimentos de análise, se alcançar resposta ao problema proposto.

A pesquisa de campo ocorreu na Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), visando identificar as Unidades Seduc na Escola (USE) localizada no município de Belém que apresentam o maior número de evasão no Ensino Médio. Em seguida definindo a escola pública que serviu de *lócus* da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram jovens que cursam o Ensino Médio regular noturno pertencente à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Camilo Salgado, localizado no bairro Jurunas, com idade entre 17 e 24 anos que demonstraram interesse em cursar o ensino superior.

Para a realização das entrevistas em grupo com os estudantes optou-se pela técnica grupos de discussão⁵ (WELLER, 2006). Para validação das informações adquiridas nas entrevistas com os grupos de discussão, formados por jovens de uma escola pública da periferia de Belém, devem ser metodologicamente reconhecidos e analisados à luz de um modelo teórico ou, em outras palavras, quando interpretados com base em categorias metateóricas relacionadas a uma determinada tradição teórica e histórica (BOHNSACK, 1999).

Nesta pesquisa, a utilização de grupos de discussão é importante, pois a opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas. A participação de cada membro dá-se de forma distinta, mas as falas individuais são produto da interação mútua (MANGOLD, 1960 apud WELLER, 2006, p.245). Por isso, buscou-se utilizar o grupo de discussão como método e não apenas como uma técnica de pesquisa. Para tanto, fizemos dois Grupos de Discussão, que totalizaram a participação de 10 estudantes, nas escolas públicas de Ensino Médio do estado do Pará, com maior índice de evasão escolar.

⁵Os grupos de discussões passaram a ser utilizados na pesquisa social empírica pelos integrantes da Escola de Frankfurt a partir dos anos 50 do século passado, especificamente em um estudo realizado em 1950-51 e coordenado por Friedrich Pollok, no qual foram realizados grupos de discussão com 1.800 pessoas de diferentes classes sociais (POLLOK, 1955; LOOS; SCHÄFFER, 2001). Porém, foi somente no final da década de 1970 que esse procedimento recebeu um tratamento ou pano de fundo teórico-metodológico – ancorado no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia –, caracterizando-se, dessa forma, como um método e não apenas como uma técnica de pesquisa de opiniões. Para Flick (2004, p.132-133), essa técnica já bastante antiga parece ter passado por “uma espécie de renascimento”, uma vez que continua sendo frequentemente utilizada por enfatizar o “aspecto interativo da coleta de dados” e propiciar uma ‘economia de tempo’ por meio da obtenção de mais um depoimento ou opinião sobre um determinado assunto de uma única vez (RODRIGUES apud CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002)

De acordo com Weller (2006), os grupos de discussão, como método de pesquisa, passaram a ser utilizados a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas sobre juventude. Estudos clássicos da sociologia da juventude bem como da psicologia do desenvolvimento definem o *peergroup* como sendo o espaço de maior influência na formação e articulação de experiências típicas da fase juvenil. É principalmente no grupo que o jovem trabalhará, entre outras, as experiências vividas no meio social, às experiências de desintegração e exclusão social, assim como as inseguranças geradas a partir dessas situações.

Os grupos de discussão têm contribuído na análise de fenômenos típicos dessa fase do desenvolvimento, permitindo a elaboração de diferentes tipologias, tais como: **de desenvolvimento (*Entwicklungstypik*)** - voltada para a análise das mudanças biográficas relacionadas às experiências adquiridas na fase de transição entre a adolescência e a vida adulta; **geracional (*Generationstypik*)** – das características comuns de um mesmo grupo etário, muitas vezes, em contraposição às gerações mais velhas; **do meio social (*Milieu-odersozialräum-lichetypik*)** – das relações entre origem social e orientação biográfico-profissional; **de formação educacional (*Bildungstypik*)** – relacionada às diferenças entre os tipos de escola (por exemplo: entre alunos da *Hauptschule*, *Realschule* ou *Gymnasium*, onde escolas públicas x escolas particulares); **de gênero (*Geschlechtstypik*)** – voltado, por exemplo, para a análise das diferenças biográficas e das escolhas profissionais de jovens de ambos os sexos (BOHNSACK, 1989, apud WELLER, 2006, p.246).

Portanto, a realização de grupos de discussão, nesta pesquisa, foi uma importante ferramenta utilizada para reconstruir os diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo, relacionando o meio social, o contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros. Assim a análise do discurso dos jovens do Ensino Médio noturno de Belém, tanto do ponto de vista organizacional como dramático, foi fundamental e contribuiu na identificação da importância coletiva das discussões acerca da construção de suas identidades.

Baseado nas orientações de Weller (2006), sobre as etapas de análise dos grupos de discussão, o estudo foi conduzido e organizado em etapas, apresentadas a seguir:

- ❖ 1ª etapa: Fase inicial com os grupos de discussão:
 - a) Definição dos grupos de discussão;
 - b) Aplicação das entrevistas com os grupos de discussões;
 - c) Relatório das informações das escolas *lócus* das entrevistas, aos entrevistados e à situação da entrevista;

d) Para a coleta de informações adicionais foi elaborado um questionário e aplicado para cada participante preencher no final da entrevista.

❖ 2ª Etapa: Organização dos dados coletados

a) Primeira fase de interpretação, denominada interpretação formulada e que compreendeu os seguintes aspectos:

- a.1) Divisão da entrevista por temas e sub temas ou passagens e sub passagens, indicando, por exemplo, se um tema foi iniciado pelo grupo ou se partiu de uma pergunta do entrevistador;
- a.2) Seleção das passagens centrais, também denominadas metáforas de foco (Fokussie-rungsmetapher);
- a.3) Seleção das passagens relevantes para a pesquisa;
- a.4) Transcrição da passagem inicial, das passagens de foco e daquelas relevantes para a pesquisa;
- a.5) Reconstrução da estrutura temática da passagem a ser analisada, que também poderá ser dividida em temas e subtemas.

Segundo a autora, esse método, analisa a entrevista por meio da passagem inicial, passando para a análise das passagens de foco e daquelas que discutem questões relacionadas ao tema da pesquisa. Esse processo inclui dois momentos: interpretação formulada e interpretação refletida. Durante a interpretação formulada, busca-se compreender o sentido imanente das discussões e decodificar o vocabulário coloquial. Em outras palavras, o pesquisador reescreve o que foi dito pelos informantes, trazendo o conteúdo dessas falas para uma linguagem que também poderá ser compreendida por aqueles que não pertencem ao meio social pesquisado. Nessa etapa de análise, ele não traça comparações e tampouco utiliza o conhecimento que possui sobre o grupo ou meio pesquisado. Já a interpretação refletida implica uma observação de segunda ordem, na qual o pesquisador realiza suas interpretações, podendo recorrer ao conhecimento teórico e empírico adquirido sobre o meio pesquisado (WELLER, 2005; BOHNSACK; WELLER, 2006).

As Literaturas pesquisadas com base nos autores de sustentação teórica da pesquisa e os resultados das análises dos dados coletados nos grupos de discussão possibilitaram a organização dos argumentos de sustentação desta dissertação de mestrado em mais três sessões, quais sejam:

Juventude, Educação e Ensino Médio, esta sessão trata das bases teóricas acerca da relação juventude, educação e trabalho, partindo inicialmente de discussões conceituais para uma melhor compreensão dos termos próprios da temática. Seguida de abordagem sobre a importância da escola na constituição das identidades e subjetividade dos jovens que cursam o ensino médio noturno e as dificuldades para conclusão da educação básica. No final apresentamos uma discussão acerca do jovem e sua relação com o trabalho, considerando a vulnerabilidade e seus desafios frente a um futuro incerto, devido a vários fatores, tanto de âmbito familiar quanto de âmbito social.

Juventude e Ensino Médio na Periferia de Belém do Pará; nesta sessão, são apresentados os grupos de discussão GDM e GDF e uma breve caracterização do *lócus* da pesquisa. As análises abordaram questões referentes a perspectivas dos jovens sobre o ensino médio, suas dificuldades em viver o presente pela exclusão social imposta aos jovens das periferias, devido às necessidades de sobrevivência, decorrente da baixa remuneração, em virtude do trabalho precarizado que são submetidos para obterem autonomia financeira e independência familiar. Finalizando com discussões sobre a importância da escola de ensino médio para constituição de suas identidades e as expectativas de cursarem a educação superior e assim terem uma perspectiva de um melhor emprego e condições de vida.

E por fim, apresentamos as considerações finais, destacando as percepções dos jovens sobre as distâncias e aproximações entre suas expectativas e as experiências vivenciadas e desenvolvidas nas escolas públicas de Ensino Médio do Pará. Iniciamos pela identificação de que esses jovens são filhos de trabalhadores, que necessitam de políticas públicas para o ensino médio, que garantam seus direitos a uma educação de qualidade, mas acima de tudo, que os reconheçam como sujeitos de suas histórias de vida.

II - JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E ENSINO MÉDIO.

Julgo ser necessário aos educadores compreender os processos sociais e culturais contemporâneos produtores dos jovens de hoje e os entraves com os quais eles se defrontam para conquistar autonomia (CARRANO, 2010, p. 148).

Ao discutirmos a relação juventude, educação e ensino médio, é importante compreendermos os processos formativos que os jovens vivenciam em suas trajetórias escolares.

Um dos primeiros passos para compreendermos esse processo se dá com a apropriação das discussões sobre os conceitos que envolvem a juventude e sua constituição, para podermos adentrarmos nas discussões sobre a relação juventude, escola e trabalho.

Essas discussões devem ser associadas ao papel da escola de ensino médio na vida dos jovens, pertencentes a uma sociedade que os exclui e explora seu trabalho, que está inserida em um sistema com uma estrutura estabelecida por interconexões e interferências, a qual influencia os processos educacionais desses jovens e os sentidos e significados atribuídos à escola por eles.

Considerando esses aspectos, a segunda sessão foi organizada em três eixos de discussão, quais sejam: Juventude: perspectivas conceituais; Juventude e Escola e Juventude e Trabalho.

2.1 - JUVENTUDE: PERSPECTIVAS CONCEITUAIS

Ser jovem ou ser velho para Bourdieu (1983) é uma questão tanto psicológica quanto biológica. Essa definição é muito relativa, pois se deve levar em consideração aspectos como os sociais, pois influenciam bastante na parte biológica. Essas vertentes sociais influenciam na parte biológica, sendo que o conceito biológico de “novo” ou “velho” é manipulável, pois tem que levar em consideração a “vida” que a pessoa tem.

Margulis e Urresti (1996, p. 26) discutem juventude como:

Um período que combina maturação biológica e imaturidade social. Assim, pode-se entendê-la por dois caminhos: um deles, o da descrição puramente biológica, que leva em conta transformações e capacidades do corpo e a idade; o outro, o entendimento sociológico, que nos apresenta uma discussão avançada sobre o tema, levando em consideração os aspectos biológicos, mas, sobretudo, culturais, sociais e de classe.

Ser jovem no quesito biológico, é estar no período da vida entre a infância e a idade adulta, porém, deve-se considerar que existe a possibilidade psicológica, quando uma pessoa apresenta certa graça e vigor característica da juventude, apesar de já ter chegado à idade adulta. Considerando que a juventude pode ser uma fase problemática, pois é um período de transição, atualmente na sociedade contemporânea a velocidade dos acontecimentos são elevadas, tem-se que pensar em como integrar esses jovens a vida adulta, pois eles são os protagonistas do futuro. Mesmo estando inserido nesse mundo moderno, o jovem de hoje ocasionalmente sofre os reflexos desse mundo globalizado, um desses aspectos são a alienação, exposição entre outros (CARRANO, 2011).

A juventude pode ser determinada pela idade, biologicamente falando, ou psicologicamente, quando alguém se sente jovem. Mas ainda existe o conceito social, por assim dizer, que pode sofrer mudanças de acordo com o país de origem. Quando um país ou um conjunto de países estabelecem uma faixa etária para determinar fases da vida, tem que se levar em consideração a maturidade dessas pessoas (biológica ou psicológica) para poder estabelecer quais políticas públicas ou ações voltadas para essa categoria serão feitas. Para Carrano (2011) não se devem julgar os jovens somente pelo fator idade, pois o nível de maturidade e/ou comprometimento resulta de fatores externos a idade, como por exemplo, família, educação, cultura, finanças entre outros. Esses fatores são importantes para toda a sociedade, justamente para poder administrar as políticas públicas e afins, pois muitos jovens são “discriminados” por sua aparência (infantilizada) e por sua idade, com isso:

Capturar a dinâmica social daqueles indivíduos que prolongam a juventude por não encontrar os caminhos de trânsito social e econômico para a vida adulta. São jovens que permanecem na casa de seus pais por opção, prolongam o período de formação escolar ou experimentam a dependência econômica familiar provocada pela retração dos níveis de emprego no quadro do desemprego estrutural que se globalizou por todos os países (CARRANO, 2011, p.9).

A cultura e a organização de cada sociedade, onde muitos fazem ritos de ruptura da chamada idade juvenil para a adulta, influenciam na definição de concepções sobre o jovem. Nessa linha de interpretação aspectos como a falta de oportunidade de emprego, o alto custo para morar sozinho direcionam os jovens a permanecerem junto à família. Em outros momentos, os jovens são vistos como sujeitos de consumo devido ao crescimento da educação aliado a criação de um “mundo” juvenil.

Para Schaller (2009), não existe mais a transição para a vida adulta, no mundo contemporâneo outros fatores determinam essa passagem, independente de idade. Atualmente os jovens encontram “sentido” nas coisas em vários lugares, como no lazer, internet e trabalho, não mais dependendo somente da escola para apreender a vida. A normatização das instituições ditas tradicionais está entrando em desuso, pois está cada vez mais difícil impor algo a alguém; como o ato de socializar, que está se transformando em virtual, fazendo com que o individualismo seja acentuado.

O debate sobre qual seria o período de transição para a vida adulta está longe do fim, haja vista que os jovens vivem situações distintas, se levarmos em consideração a situação (econômica e/ou social) em que eles vivem. Nem mesmo a escola consegue superar as adversidades da vida particular de cada jovem.

As desigualdades educacionais no Brasil contribuem para esse “período de transição”, pois muitos jovens pertencem a famílias mais pobres e se veem pressionados a entrar o quanto antes no mercado de trabalho, para poderem ajudar suas famílias; muitos nesse percurso acabam por desistir da educação em prol do trabalho, causando assim um grande índice de baixa escolaridade no Brasil. Os condicionantes sociais influenciam esse momento de transição de fases da vida, social/psicologicamente e até biologicamente, como no caso dos jovens adolescentes que viraram pais; essa trajetória de vida é importante e vai contribuir para a construção da biografia de cada um (CARRANO, 2011).

Os jovens precisam determinar qual o seu espaço na sociedade para poderem fazer essa transição, devem articular a história de suas vidas, que são únicas, portanto devem ser vividas e moldadas de acordo com o meio em que vive, incluindo aspectos desse meio a sua realidade, equilibrando as suas biografias com as estruturas sociais.

Outra discussão importante, ao falarmos de juventude, está relacionada ao *conceito de gerações*. A noção de geração foi desenvolvida em três momentos históricos, que corresponde a três quadros sociopolíticos particulares: durante os anos de 1920, no período entre guerras e durante os anos de 1960, na época do protesto, uma teoria em torno da noção de problema geracional é fundamentada sobre a teoria do conflito, em 1990 surge uma nova teoria em torno da noção “sobreposição geracional”. Isto corresponde à situação em que os jovens são mais habilidosos do que as gerações anteriores em um centro de inovação para sociedade: a tecnologia digital. (FEIXA, LECCARDI, 2010).

De acordo com Comte e Dilthey, dois autores do século XIX, o conceito de gerações pode ser delimitado em termos sociológicos. Em seguida, pode ser considerada a luz do pensamento de Mannheim, visto como fundador da abordagem moderna do tema gerações; posteriormente, de forma sumária, a partir de Ortega y Gasset e Gramsci e, finalmente pela teoria apresentada por Abrams 1982. (FEIXA, LECCARDI, 2010).

Nas discussões atuais sobre geração, podemos perceber uma linha que trabalha com quantidade de tempo que uma geração duraria para poder ser substituído por outro e assim gerar progresso (ou não, se durar pouco), deve durar um tempo médio. A segunda linha contempla a abordagem historicista onde se defende que a sucessão das gerações não é importante, elas são definidas em termos de relações e consiste num conjunto de pessoas sujeitas a influências históricas comuns (intelectuais sociais e políticas). Em outras palavras: consiste de pessoas que partilham o mesmo conjunto de experiências e o mesmo “tempo” qualitativo. A formação das gerações foi baseada em uma temporalidade concreta constituída de acontecimentos e experiências compartilhadas. (WELLER, 2010).

Para além, na visão de Weller(2010) as gerações podem ser consideradas o resultado de descontinuidades históricas e, portanto, de mudanças já que o que forma uma geração não é uma data de nascimento comum, mas é a parte do processo histórico que jovens da mesma idade-classe de fato compartilham. Com isso entende-se que o que forma uma geração não é nascer no mesmo tempo, mas compartilhar das mesmas vivências, dos mesmos fatos que essa geração vivencia.

Na visão de Abranms, segundo Weller (2006), uma geração no sentido sociológico é o período de tempo durante o qual a identidade é construída a partir de recursos e significados que estão socialmente e historicamente disponíveis. Assim, novas gerações criam novas identidades e novas possibilidades para ação, ou seja, é um novo tempo dentro da história que possui novos pensamentos e novas ações. Gerações é o lugar em que dois tempos diferentes os do curso da vida, e o das experiências históricas são sincronizados.

Desde meados dos anos 1960, a teoria das gerações foi posta de lado no pensamento sociológico por ser considerada conservadora e antiquada, sendo substituída pelas teorias neomarxistas que consideraram os jovens como uma “nova classe” e centralizaram na “revolta cultural dos jovens”, desde 1985 o conceito de gerações tem sido “redescoberto” pelas novas gerações de pesquisadores espanhóis, que o estão retomando para reler e repensar as concepções clássicas a partir de Aranguren até Ortega Y Gasset (WELLER, 2010).

Relacionamos o tema geração à sucessão de fatos e acontecimentos que marcaram um determinado tempo, de forma que quando se termina um período logo se inicia outro, podendo trazer nele as mesmas características sociais, culturais e econômicas, ou não, pelo contrário pode surgir um tempo novo, ou seja, traz em sua trajetória fatos novos, o que forma uma nova maneira de se pensar ou se viver. Mesmo sabendo que a tendência das gerações é serem transformadas por fatos novos, como por exemplo, a geração jovem o que pode ser considerada mais habilitada pela sociedade por estar numa época inovada pela tecnologia, não podemos dizer que as características e os aspectos das gerações passadas se perderam no tempo, pois trazemos conosco vivências dessas gerações que se entrelaçam na geração dos dias atuais. (FEIXA, LECCARDI, 2010).

Considerando as conceituações de jovem e geração, a escola ganha destaque aos trazermos para o centro das discussões suas contribuições para definição da identidade da juventude no tempo histórico da contemporaneidade. O papel que assume prioriza o ensinar conteúdos secundarizando a preparar do jovem para a vida, restringe sua participação social. O “ser estudante” tem que ser repensado e formado, pois não é somente o estudo por estudo, e sim uma etapa de crescimento social e pessoal, para saber ver o mundo e interpretá-lo.

2.2 - Juventude e Escola

Nos dias atuais, percebemos que o papel da escola continua enraizando na reprodução social, com o ensino voltado para desenvolver na juventude competências e habilidades necessárias para viver em uma sociedade de consumo. Essa reprodução pode ser percebida nas discussões de Weller (2010) ao abordar a formação dos jovens burgueses e dos jovens das classes populares.

Sobre os jovens burgueses relacionarem às discussões a “produção de títulos”, acrescenta-se que “os títulos sempre valem o que valem seus detentores, um título que se torna mais frequente, torna-se por isso mesmo desvalorizado, mas perde ainda mais seu valor por se torna acessível a pessoas sem ‘valor social’ (BOURDIEU, 1983, p.5)”. Essa questão de produção de títulos ocorre de forma geral na sociedade, mas nas classes burguesas, isso ocorre de forma acentuada, pois:

Existem ainda grandes quantidades de adolescentes, em particular de adolescentes burgueses, que se encontram no círculo da mesma forma que antes; que vêem as coisas como antes, que querem entrar para as grandes escolas, que querem, como antes, todos os diplomas que se possa imaginar. (BOURDIEU, 1983,p.5).

Essa realidade transforma a maior parte do jovem burguês em reprodutor de seus contextos social, pois querem possuir/ter, continuar o legado ou linhagem de sua família, muitas vezes os distancia de vivenciar e compreender seu tempo histórico e contribuir para construção de uma nova identidade para juventude contemporânea.

Para os jovens das classes populares, o ensino está relacionado à questão social. Primeiro, por compreendê-lo como uma possibilidade real de mudar as condições sociais da família ao concluir o Ensino Médio e vislumbrar um emprego formal para tentar/ser alguém na vida. Segundo, se não conseguirem prosseguir em seus estudos reproduziram a situação de seus pais e se conformar com a situação.

O contexto que envolve o ensino, tanto dos jovens burgueses quanto dos jovens de classes populares, expressa um conjunto diversificado, heterogêneo, com culturas juvenis diferentes que, entre outros aspectos, supõe diferentes classes, situações econômicas, interesses, oportunidades no mundo do trabalho.

Temos que levar em conta que o ensino formal da juventude está relacionado à identidade do Ensino Médio, principalmente, se considerarmos sua dualidade, pois na história da educação brasileira verificamos que ora suas bases estão relacionadas ao ensino propedêutico, ora ao técnico, ou a uma terceira proposta, que se refere à articulação dessas duas dimensões.

Essas dimensões exigem reflexões sobre o papel da escola de Ensino Médio como etapa final do ensino básico e sua relação com o mercado de trabalho, com a formação superior e com a formação pensada em termos mais amplos, relacionada às noções de autonomia e cidadania na construção da identidade da juventude brasileira. (CARRANO, 2011).

Um dos destaques das discussões sobre a relação juventude e Ensino Médio, diz respeito à forma como o jovem aluno é identificado; na maioria das vezes, por um conjunto de modelos e estereótipos socialmente construídos, de caráter negativo, o que nos impede de conhecer o jovem real que frequenta esta etapa da escolaridade básica.

O Ensino Médio, assim como todas as etapas escolares é fundamental, darão suporte para o estudo, haja vista que todos precisam dessa base do Ensino Médio para poder almejar um nível superior, técnico ou até mesmo já ingressar no mercado de trabalho. Esses últimos três ou quatro anos da vida escolar básica são controversos, pois no âmbito da educação pública, precisa-se saber quais políticas públicas devem ser tomadas para não aumentar ainda mais a desigualdade em relação ao ensino privado.

No ano de 2009, por meio do Governo Federal, foi lançada a Emenda Constitucional que ampliou a obrigatoriedade do ensino básico. Deve-se abranger a faixa de idade dos seis aos dezessete anos de idade, fazendo com que mais pessoas possam continuar seus estudos de forma gratuita, pois uma grande parcela da população ainda não tem condições de arcar com o ensino privado. “As políticas de expansão do Ensino Médio respondem não somente às aspirações das camadas populares por mais escolarização, mas também à necessidade de tornar o país mais competitivo no cenário econômico internacional.” (KRAWCZYK,2011,p.755). Nessa emenda, além de proporcionar acesso ao ensino básico completo, e tornar o país mais competitivo, abarca a expansão do Ensino Médio diante dos novos desafios.

Essa amplificação teve seu início no começo da década de 1990, mesmo assim, ainda hoje há um grande número de jovens que não frequentam a escola ou evadem devido a problemas externos, âmbito social e familiar, e problemas internos referentes ao ambiente escolar, como o conteúdo e a infraestrutura escolar, fazendo com que a motivação para continuar estudando decline. Tem se que pensar e avaliar quais são as motivações que levam aos estudantes a permanecerem na escola (Ensino Médio), se por buscar entrar no mercado de trabalho ou por interesse intelectuais, sempre os dois casos visando o futuro. “O sentido da escola para os estudantes está bastante vinculado à integração escolar do aluno e à sua identificação com os professores” (KRAWCZYK, 2011, p.755).

Mesmo com o florescimento da escolarização, o país ainda deixa a desejar perante outros países da América Latina, contudo se esses estudantes de hoje ou de um futuro próximo se empenharem para vivenciar o mundo/realidade em que vivem aí sim o ensino estará sendo democratizado e não um simples “produtor” de mão de obra.

O Brasil está agora diante de uma geração de jovens de baixa renda, mais escolarizada que seus pais, mas com muitas dificuldades para encontrar sentido na vida escolar, para pensar no mundo do trabalho a partir da escola e para conseguir trabalho. (KRAWCZYK, 2011, p.756).

A educação básica, em especial o Ensino Médio, não pode ser vista como um mero “fazedor/produtor” de mão de obra para o mercado de trabalho, é importante priorizar o conhecimento em seu sentido amplo e não específico. A escola não pode perder o caráter cultural de transmissor de saberes que irão contribuir para a vida social (individual e coletiva).

Com o avanço da tecnologia haverá uma necessidade crescente de formar a população, mas essa formação pode ser vista como um caminho para a desigualdade, pois continuam a formar trabalhadores para atividades mecânicas, que não exigem um nível de conhecimento elevado. As pessoas que não querem fazer parte desse trabalho dito mecânico, tem que buscar alternativas de conhecimentos para poderem ter algum diferencial, reforçando assim,

O debate em torno da identidade do Ensino Médio, seja porque ele é considerado insuficiente diante das novas demandas de conhecimento e competências e, portanto, necessário para que jovens se preparem para continuar seus estudos superiores, seja pela revitalização da discussão em torno da velha dicotomia – formação geral ou profissional (KRAWCZYK,2011,p.758).

Desde a ditadura de Vargas, por volta de 1930, que a implementação de escolas técnicas no Brasil se estabeleceu e intensificou, para poder atender a indústria em desenvolvimento. Essas instituições visavam e ainda visam um conhecimento específico, voltado para determinada área, o que acaba por restringir o saber; com a definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o Ensino Médio, veio definir a necessidade de um ensino polivalente, ou seja, variado. É importante existir um ponto de equilíbrio entre o conhecimento intelectual e manual, pois o jovem deve ser preparado para vivenciar diferentes papéis sociais, tanto familiares quanto profissional.

A organização e o currículo do Ensino Médio não podem estar atrelados às demandas do mercado. Esta é uma associação insuficiente que desmerece a importância da educação escolar numa formação mais ampla dos jovens, a qual lhes permita compreender de forma crítica as complexas relações sociais presentes no mundo globalizado. (ZIHAS, 2005; OLIVEIRA, 2007; FRIGOTTO CIAVATTA, RAMOS, apud, KRAWCZYK, 2011).

Faz-se necessário rever os conceitos da educação no Brasil, eliminando a oposição existente entre o conhecimento geral e específico, essa “revisão” é um desafio difícil no sistema de ensino brasileiro, já que a educação tem uma relação direta com o trabalho. “O papel central está no indivíduo, nas características do mercado e não mais no sistema de ensino” (KRAWCZYK, 2011, p.761).

Os avanços tecnológicos trouxeram praticidade para a vida, facilitando o dia a dia em muitos aspectos; um desses aspectos são a comunicação e a transmissão de conhecimento. Esse fácil acesso a informações tem dois lados, o positivo e o negativo, o positivo é a agilidade para se atingir a informação e o negativo é o não gerenciamento dessas informações, podendo ser visto como causa de problemas sociais. “Os meios de comunicação são considerados todo-poderosos, enquanto os jovens são vistos como receptores passivos das mensagens.” (TIRAMONTI, 2005apudKRAWCZYK, 2011, p. 761).

O modo como o jovem agrega essa informação é a questão norteadora, e a escola vem ajudar a prepará-los para essas novas experiências, ensinando-os a apreender os materiais didáticos juntamente com a cultura envolvente da cidadania. É papel da escola a transmissão e preservação da cultura de determinado local, assim como a cultura nacional e fazer um intercâmbio de culturas, aproveitando dos meios midiáticos para isso.

É evidente que o uso crítico das tecnologias pode não só permitir ao aluno ter acesso a informação variada e atualizada, como também oferecer condições para uma prática de estudo e um conhecimento diferente, abrindo espaço para a curiosidade e a criatividade e novas possibilidades de informação e descobrimento; de ampliação de seu universo de referência e de intercâmbio com outras culturas. (KRAWCZYK, 2011, p. 762).

Reconhecendo que essa nova geração de alunos possuem uma base de aprendizado diferente de alguns anos, sendo uma base mais moderna, não significa dizer que essa modernidade exclui hábitos que favorecem a educação, como a leitura; hoje é preciso agregar valores e não substituí-los de forma total. É necessário fazer com o clima/ambiente escolar seja favorável para esse aluno, principalmente do Ensino Médio, pois é um período de transição entre o fundamental maior e um possível nível superior.

Na esfera escolar, os docentes deveriam ser mais receptivos quanto ao meio que envolve o aluno, ajudando-o, pois muitos têm uma baixa expectativa em relação ao futuro, corroborado pelo ambiente social e familiar em que está inserido. A relação escola/aluno deve ser reforçada com medidas pedagógicas teoricamente simples, com atividades que despertem a curiosidade desse alunado, como feiras temáticas, dança, música, teatro entre outros e, não somente no horário tradicional de aula, mas também em horários alternativos, transformando o tempo “livre” do aluno em aprendizado e lazer ao mesmo tempo, não deixando espaço para tempo ocioso.

Essas práticas devem levar em consideração o turno de estudo, mas não para segregar, como no caso do turno noturno, que muitas vezes é prejudicado pela aceleração de conteúdo e, sim para integrar esses alunos que escolheram esse período do tempo para estudar.

A escola tem que amparar esse jovem que está no Ensino Médio, pois essa juventude está frente a um futuro incerto devido a vários fatores, tanto de âmbito familiar quanto de âmbito social, no caso nacional pelo período de mudanças políticas que o Brasil vem enfrentando e que está cada vez mais difícil inserirem-se nesse mercado de trabalho. O jovem tem que saber reconhecer essas mudanças que estão ocorrendo para poder se adaptar e conviver.

Para que os discentes sejam amparados de forma correta e adequada, não se pode esquecer-se do corpo docente da escola. Os professores cada vez mais têm que aprimorar-se para acompanhar as mudanças da sociedade e poder garantir que seus conhecimentos não fiquem ultrapassados e sim possam ser aprimorados, tudo para poder fornecer uma melhor assistência aos alunos. Mas que recompensa esse aprimoramento está recebendo? Essa é uma questão muito discutida no país, pois é cobrado cada vez mais do professor e não lhe é recompensado; haja vista que a uma disparidade em relação à remuneração pública e privada.

Para finalizar, sabemos que no Brasil estamos passando por um período de transformações e temos que saber enfrentar essas mudanças, pois o presente tem que se manifestar para garantir um futuro melhor. O país precisa de uma reforma no sentido mais amplo, já que tudo está integrado, mas voltando para a realidade da educação, precisa-se que os professores sejam mais valorizados, que o sistema de ensino público seja remodelado para poder envolver mais pessoas, pois todos têm direito a um ensino público de qualidade e se esse sistema fosse realmente eficaz não existiria a disparidade entre o ensino público e o privado.

2.3 - JUVENTUDE E TRABALHO

Os jovens em seu desenvolvimento vivem experiências que contribuem para formação de suas identidades. Para os jovens das periferias, o trabalho é uma fase essencial para esse processo, pois envolve suas perspectivas de vida, no presente e no futuro.

As condições sociais e econômicas dos jovens da periferia levam muitos deles a vivenciar suas primeiras experiências com o trabalho na adolescência. O universo jovem na sociedade de consumo é repleto de desejos e vontades que vão do tênis da marca da hora aos equipamentos eletrônicos. Por outro lado, a necessidade imediata de trabalho, está relacionada a ajudar a família e a possibilidade de melhoria de condições de vida.

Para os jovens o trabalho contribui no crescimento pessoal e para autonomia, pois podemos considerar um tempo de formação e de conquistas. Mas é válido destacar que um percentual significativo de jovens das periferias apresenta baixa escolarização resultando em poucas oportunidades de trabalho.

Os jovens com baixa escolarização aceitam situações informais e precárias de trabalho para fugir do desemprego. Para os jovens de baixa renda e suas famílias, o risco do desemprego se torna motivo de preocupação. Esse fator é um dos motivos do abandono de jovens da educação formal, pois a prioridade nessas situações é o trabalho.

Outra característica da relação dos jovens com o trabalho, a partir da realidade brasileira, é que o Brasil não estruturou uma rede de proteção social que possibilitasse um período de formação e preparação anterior ao trabalho para todos. Para muitos jovens das camadas populares, as primeiras experiências já ocorrem desde a infância, como, por exemplo, ajudar nas atividades domésticas ou fazer “bicos”. No meio rural, o trabalho também aparece desde cedo em alguns casos, como no plantio e na colheita de outros agricultores ou no auxílio aos pais em suas atividades diárias. Essas são experiências que nem sempre são consideradas como trabalho. Em geral, as famílias das camadas populares valorizam essas atividades por diversos motivos: contribuem para a renda familiar, afastam os jovens “da rua” e “forjam o caráter” deles. (LEÃO, NONATO, 2014, p.24).

A realidade apresentada na análise de Leão e Nonato (2014) acerca da relação juventude e trabalho, nos evidencia que a população em situação de carência social pode se tornar o destino de muitos jovens que não contam com melhores oportunidades de inserção e formação profissional.

Para os autores no Brasil é essencial a implementação de políticas para juventude, por meio de uma rede de proteção social que garanta o atendimento às suas demandas e a preservação de sua integridade física e moral. Por outro lado, para os jovens das camadas populares, muitas vezes, a entrada imediata e precoce no trabalho é a única alternativa. Para muitos, trabalhar possibilita a continuidade dos estudos e o acesso a bens e serviços, ampliando a vivência da condição juvenil (LEÃO, NONATO, 2014, p.24).

Outra discussão importante acerca da relação juventude e trabalho esta relacionada ao papel do jovem na sociedade contemporânea. Sabemos que a exploração da mão de obra juvenil agravou-se ainda mais nos processos de flexibilização do trabalho, que reflete na

rigorosa seleção de pessoas, em que algumas servem e outras não, são forçadas a ocupar os piores postos de trabalho para evitar uma realidade ainda pior, que seria produzida pela ausência de ocupação de qualquer tipo. O trabalho juvenil, muitas vezes, tem sido usado como justificativa para as empresas pagarem salários baixos aos indivíduos dessa faixa etária, o que acarreta um número muito alto de jovens subempregados com baixa remuneração. Além disso, eles são também utilizados como força de trabalho em empresas que organizam suas jornadas de trabalho em tempo parcial e empregam jovens com salários baixos, justificando essa condição salarial em função da jornada de trabalho diminuída (LEITE, 2009, p. 74).

Leite (2009) evidencia ainda que, na maioria das vezes, os jovens se submetem por medo do desemprego, inserem-se na esfera produtiva com contratos diferenciados dos demais trabalhadores. Outros para fugir dessa situação, por certo tempo, ocupam-se em estágios temporários em face da ausência de um posto de trabalho melhor, porém ao término desse período, volta a somar com a massa de desempregados.

Não podemos esquecer que o problema do desemprego de jovens entre 16 e 24 anos é complexa e tem relação com a conjuntura atual, levando a dificuldade de inserção na sociedade produtiva, em função das exigências crescentes de se ter um perfil atualizado com competências diferenciadas (CASTEL, 2010).

Os jovens de baixa renda, principalmente os das periferias das metrópoles, ou de municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na sua maioria tem baixa escolarização e o mercado de trabalho exige jovens com qualificações, o que eles ainda não tiveram tempo ou condições para adquirir, pois tem que trabalhar para seu sustento, lazer e ajudar nas despesas de casa. Esse movimento cria um ciclo vicioso, pois os jovens precisam de trabalho para dar continuidade aos estudos, e quando eles se veem diante do desemprego, aceitam trabalhos secundários que exigem menos qualificação ou sem qualificação, portanto mais precarizados (MUNIZ, MEDEIROS, 2015).

O trabalho “é importante elemento provedor de necessidades, produtor de independência, gerador de crescimento e auto-realização” (MUNIZ e MEDEIROS, 2015, p. 272). Nesse sentido, a relação do jovem com o trabalho é cheia de significados e indispensável para a realização dos seus projetos de vida. Devemos considerar que o trabalho, mesmo os de baixa remuneração e precarizados possibilita ao jovem maior autonomia financeira e independência familiar, o que contribui para constituição de sua subjetividade, identidades juvenis e vínculos sociais.

Em nossas discussões acerca da relação juventude e trabalho, é importante ainda discutirmos sobre as dificuldades e formas de enfiamentos dos jovens na construção de suas carreiras em situação de vulnerabilidade a que são submetidos. Sabemos que, a necessidade dos jovens das periferias, de uma colocação no mercado de trabalho, os leva a atividades de baixa qualificação ligadas ao setor de serviços e ou administrativos tais como: trabalhadores domésticos, da construção civil, de transportes alternativos (moto-taxi, vans), ajudantes de cozinha, pessoal de limpeza, vendedores ambulantes, entre outros.

Essas experiências iniciais fazem parte da construção das trajetórias de vida no trabalho de jovens em situação de vulnerabilidade sociolaboral da sociedade contemporânea. O desencantamento pela ausência de oportunidades que lhes possibilitem conciliar trabalho, educação e lazer, lhes rouba o direito à escolha, o que leva os jovens a exploração de seu trabalho. Para Ribeiro essa situação toma dimensões agravantes na construção da subjetividade juvenil, pois ao aceitarem qualquer coisa no mundo do trabalho renunciando às suas vontades e sonhos, e, no limite, há uma espécie de renúncia de si mesmos (as), em nome do ideal de inserção no sistema, o que gera empobrecimento de relações e afastamento dos processos coletivos (2011, p. 22).

Por outro lado, o trabalho é uma possibilidade real dos jovens construir suas identidades, pois em suas trajetórias de vida é uma oportunidade única de construção de relações sociolaboral, de uma vida social. A luta dos jovens das periferias por melhorias de trabalho e de vida é marcada como uma projeção no futuro, ou seja, a luta de hoje seria a melhoria de amanhã.

Ribeiro (2011) ao aprofundar suas discussões acerca da relação juventude e trabalho entre jovens de baixa renda, em situação de vulnerabilidade destaca que

O trabalho se vincula basicamente, às necessidades de sobrevivência e à possibilidade de fazer vínculos sociais; os principais requisitos apontados para o sucesso no trabalho estariam mais relacionados às características pessoais do que à formação educacional; os(as) participantes vivem o presente (tática), com grande dificuldade de projetar o futuro; tendem a reproduzir a trajetória ocupacional dos pais; a educação tem valor instrumental (diploma como passaporte para o mercado de trabalho); a escolha por um trabalho não obedece a critérios específicos e sim ao fato de ter que trabalhar (há muito medo do desemprego); e utilizam, como base, a rede de relacionamentos para a inserção no trabalho (p. 22).

O jovem trabalhador vive no trabalho, mesmo que em condições de vulnerabilidade a possibilidade de estabelecer relacionamentos sociais e de crescer pessoalmente, por meio destas relações (sentido subjetivo e social) que, associado ao ganho financeiro (sentido material), dariam sentido ao trabalho, o que indica às múltiplas dimensões de sentido que emergem da relação com o trabalho para além de uma visão hegemônica (CASTEL, 2010, p. 54).

Um dos desafios dos jovens em relação ao mundo sociolaboral encontra-se na concretização de suas experiências de vida, principalmente para os jovens das periferias, a exemplo da necessidade de garantia de políticas para garantia da escolarização para o sucesso no trabalho e a inclusão social. O sucesso no mundo do trabalho viria pela escolaridade e pela experiência, mas principalmente pelo desenvolvimento de características interpessoais (Ribeiro, 2011, p. 33)

Diante disso tudo, a saída é se desenvolver continuamente e se adaptar constantemente, sendo suas carreiras, muitas vezes, uma reprodução *ad infinitum* de um modelo de relação com o mundo, que não gera ascensão nem crescimento, e pode resultar em vulnerabilidade, por isso pode-se dizer que os(as) jovens estudados(as) constroem suas carreiras entre a vulnerabilidade e a exclusão (CASTEL, 2010, p. 49).

Romper com essa reprodução social que perpetua a situação de vulnerabilidade e exclusão social dos jovens é essencial para mudanças de comportamentos em relação ao trabalho. Não podemos esquecer que o problema não está no trabalho juvenil, mas na qualidade do trabalho a que os jovens têm acesso, muitas vezes precarizados e de baixa remuneração por serem informais, temporário, não protegido pela legislação trabalhista brasileira.

III - JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO NA PERIFERIA DE BELÉM DO PARÁ

Porém, entender a relação entre juventudes e escola não é uma tarefa fácil visto que não se diz respeito apenas à escola e aos jovens, mas envolve os fenômenos da sociedade ocidental que influenciam os processos de socialização (DAYRELL, 2007).

Nesta seção, apresentamos as análises sobre os fatores internos e externos à escola (relação professor-aluno, interesse pelas aulas, relações de amizade; renda familiar, incentivo da família), que afetam fortemente a trajetória escolar dos jovens e que contribuem para constituição de suas subjetividades e identidades.

Inicialmente, as discussões nos levam a identificar quem são os jovens entrevistados e em que condições cursam o ensino médio nas escolas periféricas de Belém, em especial do bairro do Jurunas, seguida das análises acerca da constituição de suas identidades e projeções futuras para suas vidas.

Buscando um melhor entendimento, organizamos a terceira seção em três eixos de discussão, quais sejam: A Pesquisa e o Jovem Estudante do Ensino Médio do Bairro do Jurunas; Juventude e Ensino Médio: construção de identidades na periferia de Belém do Pará; Juventude e Ensino Médio: experiências vivenciadas na E.E.E.F.M Camilo Salgado e Juventude e Ensino Médio: identidade e projeções futuras.

3.1 A pesquisa e o Jovem estudante do Ensino Médio do Bairro do Jurunas

A definição de juventude é bastante flexível, pois ela é carregada de significados culturais e sociais. Há diversos modos de ser jovem em nossa sociedade e, por tanto, não há apenas uma categoria teórica que possa dar conta dessa diversidade de situações (SPOSITO, 1998, p. 64). Esse entendimento possibilita identificar a categoria “juventude” como uma construção social e cultural (CATANNI e GILIOLI, 2008; NASCIMENTO e COIMBRA, 2009). Sendo, os jovens, sujeitos histórico-sociais, que apresentam características próprias, mas é necessário contextualizar que, quando falamos de “juventude”, na realidade estamos falando de “juventudes” no plural, constituídas nas influências históricas por ter como base a ampla diversidade sociocultural na qual está inserida.

Os jovens da Escola Camilo Salgado, que foram ouvidos nesta investigação, têm clareza da situação social que vive nos bairros periféricos da área metropolitana de Belém-PA. Nas periferias, há uma grande concentração de jovens de baixa renda, sem oportunidade de trabalho e de continuidade aos seus estudos. Esses jovens estão expostos a violência urbana (alcoolismo, drogas, prostituição), muitos estão sendo mortos em chacinas por grupos de extermínios.

Ao iniciar o processo investigativo deste estudo, realizei o grupo de discussão no dia 28 de novembro de 2017. Cheguei ao portão da escola às 18h, horário em que os alunos do turno vespertino estão saindo. No pátio central havia ainda meia dúzia de estudantes conversando. Depois de alguns minutos mexendo no celular, se despediram e aos poucos foram deixando o prédio, sempre gargalhando e falando em voz alta.

A coordenadora pedagógica do turno da noite já estava à minha espera. Assim, que a diretora autorizou minha entrada na instituição, a mesma se comunicou com a técnica para informar os dias em que seriam realizados os grupos. Naquela noite, a coordenadora procurava por uma sala adequada para que eu me reunisse com as alunas. Em minha solicitação, pedi que fosse reservado um espaço afastado e com pouca interferência de barulho externo, algo que poderia prejudicar o encaminhamento das discussões.

A sala escolhida pela coordenadora localizava-se no térreo, ao final do corredor principal que dá passagem às salas desse andar. O local concedido para a realização dos grupos se encontrava bem afastado do espaço de movimentação e circulação da escola, era amplo e com muitas cadeiras. Porém, a acústica do lugar prejudicou a gravação das vozes, posteriormente, no processo de transcrição dos grupos. Além disso, a sala estava suja e desarrumada. A coordenadora designou o inspetor educacional para me ajudar a organizá-la, enquanto selecionaria as jovens para integrar o grupo naquela noite.

Depois de alguns minutos, às 19h15, a coordenadora chegou com duas jovens do 2º ano. Pedi que esperassem sentadas enquanto buscava as outras. As meninas se aproximaram, eu as cumprimentei com um aperto de mão e pedi que sentassem nas cadeiras que compunham a roda formada no centro da sala, no entanto, não indiquei a ordem dos assentos; as moças ficaram à vontade para escolher. Decidiram sentar juntas; uma ao lado da outra. As jovens não paravam de me olhar, ouvir alguns burburinhos entre elas, comentários e algumas risadas.

Não demorou muito, a coordenadora retornou à sala com mais três jovens, agora, estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Explicou que eu seria responsável por elas e que deveriam me obedecer e respeitar. As moças se entreolharam e esboçaram algumas risadas. Eu também ri. A coordenadora se despediu e solicitou que, após o término da “atividade”, me dirigisse até a sala da direção, pois precisava dos nomes das meninas para justificar as faltas nas aulas, que seriam ministradas em suas respectivas turmas naquela noite, pelos professores.

Assim que a coordenadora deixou o lugar, sentei em frente às jovens, me apresentei e expliquei os motivos da minha presença na escola. De imediato, elas perguntaram se eu era realmente pesquisador da Universidade do Estado do Pará, como era a UEPA, por que eu tinha interesse em entrevistá-las e o que seria feito com os resultados. Expliquei de maneira sucinta e casual, até mesmo para não as deixar constrangidas ou intimidadas pelo peso do lugar que ocupo, não queria continuar sendo mais “um professor”, mas estabelecer uma relação horizontal com as estudantes. Percebi que minhas respostas descontraídas surtiram efeito; as jovens começaram a sorrir e aparentaram conforto com a situação da entrevista.

Após informar os objetivos da pesquisa e conversar com as moças sobre a necessidade de realizá-la, entreguei o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e um questionário composto de perguntas abertas e fechadas. Enquanto as jovens o preenchiam, posicionei os dois celulares que seriam utilizados para a gravação da conversa em cima de uma cadeira posicionada no centro da roda. As meninas demoraram cerca de dez minutos para terminar de completar o questionário. Logo que me devolveram, expliquei como funcionaria a dinâmica do grupo, que a idéia era construir um debate entre elas, sobre determinados temas que eu traria, mas que também poderiam introduzir na discussão outros assuntos que considerassem importantes. Deixei claro, que meu papel ali seria o de escutá-la e não interferir no debate iniciado por elas, inclusive, pontuei que poderiam falar a vontade, utilizando as palavras ou vocabulários que achassem melhor.

Antes de lançar a primeira pergunta, deixei gravado o dia, horário e local do grupo de discussão, assim como solicitei que as meninas se apresentassem falando o nome, idade e a série em que estavam. O grupo começou pontualmente às 19h45min, com duração de 1h30min, encerrando às 21h15min. Depois de dirigida a pergunta inicial, as meninas se mostraram tranquilas e dispostas a contribuir, contudo, a compreensão de como funciona um grupo de discussão foi paulatina e se deu ao longo da entrevista. Inicialmente, as jovens se dirigiam a mim para responder as perguntas.

A partir do terceiro bloco temático - experiência escolar no Ensino Médio - começaram a emergir das discussões experiências comuns partilhadas por elas no cotidiano, relacionadas, principalmente, à maternidade e ao fato de serem jovens que precisam se desdobrar entre trabalho, filho e escola. Nesse momento, deixei de ser o ponto de atenção para quem as meninas olhavam ao falar, para me tornar um observador da conversa que se desenrolava entre elas.

Desde aí, o grupo passou a ser gerido e conduzido pelas próprias jovens, que só se dirigiam a mim ao final de cada discussão, procurando a próxima pergunta. Houve muitas risadas, falas aglutinadas, até mesmo confusas e corrigidas por elas em alguns momentos.

Durante a realização do grupo de discussão, adotei o que Damasco (2014, p.141) chama de *técnicas defensivas e protetoras* para que o pesquisador não interatue com os participantes e conserve seu papel de ouvinte durante todo o debate, a saber: baixar os olhos para não manter contato visual com as jovens, emissão de *uhum* “para evitar entrar no turno das falas” e para que não haja troca de posições entre os integrantes do grupo, isto é, o pesquisador deve ser um espectador neutro durante a discussão.

No desenrolar do grupo, o debate foi interrompido duas vezes. A primeira, pelo inspetor educacional, que entrou na sala para entregar as mochilas e cadernos das meninas. Naquele dia, as jovens só teriam o primeiro horário de aula e as suas turmas seriam liberadas. Aqui caberia mencionar que as estudantes esboçaram uma reação de surpresa diante da gentileza do inspetor, mencionando, logo após a sua saída do local, que ele só se comportou dessa maneira porque eu estava presente, caso contrário, as trataria com grosserias e rispidez.

Na metade do grupo, surge a segunda intromissão. Alguns alunos e alunas se reuniram no lado da porta da sala para conversar, por ser o local mais reservado e calmo da escola. Uma delas entrou repentinamente na sala, abrindo com força a porta que estava fechada. Tomamos um susto e as meninas pararam a conversa. A aluna que entrou não disse uma palavra, deslocou-se ao fundo da sala e pegou uma cadeira, mas ao sair, deixou a porta aberta. Depois de fechá-la novamente, retornei ao meu lugar para dar continuidade ao grupo. As jovens, porém, introduziu uma avaliação sobre a postura da colega, algo que elas qualificaram como falta de educação.

Quando chegamos no penúltimo bloco temático - **lazer/trabalho** - percebi que as meninas começaram a ficar inquietas por conta do horário. Uma delas apontava o tempo todo para o celular, perguntando em voz baixa o horário em que terminaríamos. Não respondi e permaneci observando as demais jovens que conversavam. Logo que o debate cessou, comentei que o grupo não demoraria e que restava apenas mais um bloco de perguntas. Nesse momento, o namorado de uma das jovens apareceu na porta da sala para buscá-la. Ela pediu licença para se retirar, esperou meu consentimento e saiu de mãos dadas com ele. Continuei o grupo com as quatro meninas que permaneceram. Por conta do adiantado da hora, a discussão do último tema - projetos de futuro - sofreu um aligeiramento. Todavia, todas as jovens contribuíram com respostas a pergunta colocada.

Assim que o grupo terminou, desliguei o gravador e agradei a participação das jovens com palavras de incentivo e um abraço em cada uma delas. Retiramos-nos da escola. Não havia mais alunos na escola, apenas uma professora de inglês que organizava seu armário enquanto esperava uma carona, a coordenadora pedagógica e o inspetor educacional.

Em relação ao perfil dos participantes, o primeiro grupo de discussões foi composto por jovens que participaram do *GDF*⁶ e têm entre 20 e 23 anos: Julia, Thy, Baixinha, Manu e Dani são os nomes fictícios escolhidos pelas próprias meninas, após a solicitação feita pelo pesquisador no questionário entregue antes da realização do grupo. Das cinco estudantes, duas estão no 2º ano do Ensino Médio e as outras três, no 3º ano, ambas estudam em turmas regulares do turno da noite. Vejamos:

⁶Os dados dos/as participantes dos grupos de discussão foram sintetizados a partir de um questionário entregue aos jovens antes da entrevista (Cf. modelo do questionário nos apêndices).

a) **Julia**(Jf)⁷ tem 20 anos, se declarou negra e sem religião. Não participa de nenhum grupo ou associação e, seu lazer preferido, é jogar bola e sair para se divertir. A jovem cursa o 2º ano do Ensino Médio e mora na casa da mãe desde que nasceu. Seus pais possuem o ensino fundamental completo. O pai é pedreiro e a mãe, dona de casa. Julia sempre estudou em escolas públicas e, no momento, divide sua rotina entre a escola e o trabalho. Para a jovem, o que há de melhor na instituição são alguns professores. A escola precisa ser mais atrativa para se tornar melhor. Escolhi a escola Camilo Salgado, porque não tenho condições de me deslocar para outro bairro mais distante ... A escola pode me ajudar a realizar meus planos para o futuro. Pretendo prestar vestibular para o curso de Direito.

b) **Thy**(Tf) tem 20 anos, se declarou parda e sem religião. A jovem é casada e mãe de um menino. Não participa de nenhum grupo ou associação e, seu lazer preferido, é acessar o Facebook. A jovem cursa o 2º ano do Ensino Médio e mora na casa do pai com o marido e o filho, há quatro anos. A mãe possui o ensino fundamental completo e trabalha como empregada doméstica. O pai não concluiu o ensino fundamental e, atualmente, encontra-se desempregado. Thy sempre frequentou escolas públicas e, no momento, concilia estudos e trabalho. Escolhi estudar na escola Camilo Salgado, por ser mais próxima de minha residência. Na minha opinião, a escola precisa de melhores relações de diálogo entre professores e estudantes. A escola pode me ajudar a realizar meus sonhos. Quero prestar vestibular para o curso de Química ou Pedagogia.

⁷O código "Jf" pertence ao sistema de transcrição do Método Documentário, sendo usando, neste caso, para referenciar a letra inicial do nome fictício informado pela jovem e seu sexo.

- c) **Baixinha**(Bf) tem 23 anos, se declarou parda, solteira, mãe de um menino e católica. Não participa de nenhum grupo ou associação. Seu lazer preferido é ficar em casa com o filho. A jovem cursa o 3º ano do Ensino Médio e mora na casa da mãe desde criança. Seus pais possuem o ensino fundamental incompleto. O pai é pintor e a mãe trabalha vendendo salgados. Baixinha sempre estudou em escolas públicas. No momento, estuda e trabalha. Estudo na escola Camilo Salgado por ser mais próxima de minha casa. Na minha opinião o que tenho de melhor na escola são os amigos e os professores que fiz. A escola precisa de uma melhor organização. A escola é a possibilidade que tenho para realizar meus sonhos e planos futuros, quero ingressar em um curso universitário, mas ainda não me decidi por uma profissão.
- d) **Manu**(Mf) tem 22 anos, se declarou parda, solteira, mãe de um menino e católica. Não participa de nenhum grupo ou associação. Seu lazer preferido é sair para passear com o filho. A jovem cursa o 3º ano do Ensino Médio e mora na casa dos pais desde a infância. O pai é ajudante de pedreiro e possui o ensino fundamental completo. A mãe concluiu o Ensino Médio e trabalha como babá. Manu sempre frequentou escolas públicas. No momento, somente estuda e não pensa prestar vestibular para um curso universitário. Escolheu a escola Camilo Salgado por ser mais próxima de sua residência. Para a jovem, os professores são a única coisa que há de melhor na instituição, pois ela é carente em muitos aspectos, faltando tudo.
- e) **Dani**(Df) tem 20 anos, se declarou negra, solteira e católica. Participa de grupos esportivos jogando futebol. Seu lazer preferido é passear pela cidade. A jovem cursa o 3º ano do Ensino Médio e mora na casa da mãe desde que nasceu. O pai é pedreiro e possui o Ensino Médio completo. A mãe trabalha como empregada doméstica e não concluiu o ensino fundamental. Dani sempre estudou na rede pública de ensino. A jovem acredita que a escola pode ajudá-la a realizar seus sonhos e planos futuros. No momento, somente estuda e pretende prestar vestibular para o curso de Direito.

O segundo grupo de discussão é composto por jovens que participaram do GDM têm entre 20 e 25 anos: Lucas, Ronaldinho, André, Felipe e Bobby Singer foram os nomes fictícios escolhidos pelos meninos para preservar a sua identidade. Todos os cinco rapazes estão no 3º ano, no entanto, pertencem a turmas diferentes. Lucas, André e Felipe estudam na primeira turma, são amigos e fazem parte do mesmo grupo em sala. Já Ronaldinho e Bobby Singer são da segunda turma, eles demonstraram sintonia e afinidade, algo evidente durante a interação no grupo; ambos constantemente referiam-se a situações vividas conjuntamente na escola, quais sejam:

- a) Lucas(Lm)** tem 20 anos, declarou ser negro, solteiro e evangélico. Participa de grupos esportivos no bairro do Jurunas, jogando futebol. Nas horas vagas, gosta de jogar bola e acessar a internet. O jovem não possui filhos, cursa o 3º ano do Ensino Médio e mora na casa da avó há quinze anos. Seus pais não concluíram o ensino fundamental. A mãe é dona de casa e o pai autônomo. Lucas sempre estudou em escolas públicas. No momento, divide-se entre os estudos e o trabalho. Não soube dizer por que escolheu estudar na escola Camilo Salgado. Gosta das aulas ministradas pelos professores, que em sua opinião, é o que há de melhor na instituição. Porém, sente falta de um professor de Biologia. O jovem acredita que a escola pode lhe ajudar a realizar seus sonhos e pretende prestar vestibular para o curso de Economia.
- b) Ronaldinho(Rm)** tem 24 anos, declarou ser pardo, solteiro e católico. Não participa de nenhum grupo ou associação juvenil. No tempo livre, gosta de ficar em casa descansando. O jovem tem um filho, cursa o 3º ano do Ensino Médio e mora na casa dos tios desde a infância. Seus pais concluíram o Ensino Médio, porém, Ronaldinho não informou a profissão de ambos. O jovem sempre estudou na rede pública de ensino. No momento, concilia os estudos com trabalho. Escolheu a escola Camilo Salgado por ser a mais próxima de sua residência. Os professores são o que há de melhor na instituição, no entanto, Ronaldinho sente falta de mais disciplinas na grade curricular. Para ele, a escola pode lhe proporcionar um futuro melhor e deseja ingressar no curso de Engenharia Civil.

- c) André (Am)** tem 23 anos, declarou ser pardo, sem religião e atualmente “amigado” com a namorada. Não participa de nenhum grupo ou associação juvenil. Seu lazer predileto é jogar futebol. O jovem tem uma filha, cursa o 3º ano do Ensino Médio e mora na casa dos pais desde que nasceu. A mãe possui o Ensino Médio completo e trabalha vendendo cosméticos. O pai não concluiu o ensino fundamental e trabalha em um asilo. André sempre estudou em escola pública. Estuda na escola Camilo Salgado desde a 5ª série, por isso decidiu continuar matriculado na instituição. Em sua opinião, o *aprendizado* é o que há de melhor na escola, porém, carece de *recursos e melhores condições físicas* (instalações). O jovem trabalha durante o dia e estuda à noite. André acredita que a escola pode ajudá-lo a atingir seus planos futuros e pretende prestar vestibular para o curso de *Medicina*.
- d) Felipe (Fm)** tem 25 anos, declarou se pardo, evangélico e atualmente “amigado” com a namorada. Participa do grupo jovem na igreja em que se congrega. Seu lazer preferido é jogar bola e videogame. O jovem tem um filho, cursa o 3º ano do Ensino Médio e mora na casa da sogra há mais de um ano. Seus pais não concluíram o ensino fundamental e não tiveram a profissão informada no questionário. Felipe somente estuda e pretende ser Engenheiro Mecânico, embora pense também em prestar vestibular para os cursos de Ciência da Computação e Educação Física. O jovem sempre frequentou escolas da rede pública e acredita que com os estudos pode construir um futuro diferente. Escolheu a escola Camilo Salgado por ser um lugar de ensino excelente. Em sua opinião, falta tudo na instituição. O que há de melhor na escola são os professores, classificados por Felipe, como bons e decentes.

e) **Bobby Singer**(Bm) tem 20 anos, declarou ser negro, solteiro e católico. Participa de grupos juvenis vinculados à igreja. Nas horas livres, gosta de ler. O jovem não possui filhos, cursa o 3º ano do Ensino Médio e mora na casa dos pais desde a infância. O pai é pedreiro e a mãe trabalha como empregada doméstica. Ambos não concluíram o ensino fundamental. No momento, Bobby Singer estuda e trabalha. O jovem sempre frequentou escolas públicas e acredita que com os estudos pode lograr seus sonhos. Pretende prestar vestibular para o curso de Engenharia da Computação ou Rede de Computadores. Escolheu a escola Camilo Salgado porque é a única mais próxima de sua residência. Para ele, os *professores* são o que há de melhor na instituição, porém, acredita ser preciso haver mais respeito para com os estudantes.

Nas manifestações dos jovens que participaram do grupo de discussões, percebe-se a escola como um espaço social carregado de significados que são construídos nas relações no cotidiano, um lugar para aprender coisas úteis para o futuro, como passar no vestibular e ter uma profissão, mudar de vida.

Das cinco jovens entrevistadas três são mães. Nas periferias de Belém a gravidez na adolescência ligada à desinformação e a falta de políticas sociais levam estas jovens a serem mães tão precocemente, o que na maioria das vezes impacta diretamente na conclusão da educação básica. As jovens abandonam a escola para cuidar de seus filhos ou para trabalhar e garantir o sustento deles, passando a escola a ficar em segundo plano em suas vidas.

Por serem de famílias de baixa renda, a escola tem a função social de educar e vem assumindo o papel do estado de proteger os jovens da violência urbana. As periferias geralmente são espaços desvalorizados, marcados pela ausência do estado e das instituições públicas, abandonados pela lei, o crime organizado se instala, seduzindo os jovens para seu serviço e o uso de drogas

Quando a escola de Ensino Médio acolhe os jovens que são sujeitos a esse contexto de violência e exclusão social encontram uma possibilidade de mudar sua realidade ao reconhecerem o valor da escolarização. Porém pela própria situação econômica, acabam abandonando o Ensino Médio para ingressar no mercado informal, pois são poucos que conseguem, devido a baixa escolarização, um emprego formal.

O universo que o jovem vivencia no Ensino Médio noturno e as relações que se estabelecem entre as experiências de seu convívio familiar e social com as aprendizagens escolares são elementos importantes na constituição de suas identidades. Compreendemos que as identidades são construções socioculturais, provisórias, negociadas, reinventadas e constituídas de modo relacional com o outro, numa relação de alteridade (ZALUAR, 2003), em determinado contexto histórico, cultural, político e econômico.

É importante garantir ao jovem da periferia de Belém o acesso ao Ensino Médio noturno, mas acima de tudo, condições que garantam sua permanência na escola para conclusão da educação básica. Nesse período de permanência deve-se trabalhar com os jovens sua multiplicidade cultural para que a escola possa ser um ambiente de pertencimento desses sujeitos e de constituição de suas identidades.

A discussão da relação juventude e Ensino Médio, nos aspectos referentes a construção de identidades na periferia de Belém do Pará possibilita reflexões acerca da subjetividade e à individualidade desses jovens, pois a escola reflete a relação com a família, a religião e a relação com o saber; a condição de vivenciar sua sexualidade, perpassando cada uma dessas identidades, evidenciando aspectos diversos da condição juvenil que se delineiam de acordo com cada realidade expressada (CARRANO; MARTINS, 2011).

3.2 - Juventude e Ensino Médio: ser estudante e morador da Periferia de Belém do Pará

Na pesquisa, ao dialogarmos com os jovens do grupo de discussão GDM e GDF sobre a importância da escola de Ensino Médio para sua formação, obtivemos respostas que de um modo geral evidenciam que a vida na periferia de Belém, mas especificamente no Bairro do Jurunas é marcado por condições sociais desfavoráveis, em especial na educação pública e de qualidade.

Dar voz a esses jovens foi fundamental para identificarmos as distâncias e aproximações entre suas expectativas e as experiências vivenciadas e desenvolvidas nas escolas públicas de Ensino Médio, que contribuem para constituição de suas identidades. Daí a importância de compreender os jovens como sujeitos em desenvolvimento e construtor de seus ambientes sociais em articulação com seus interesses e necessidades.

Na realização dos grupos de discussão, as expectativas dos jovens acerca das suas experiências vivenciadas no estabelecimento oficial de ensino, onde lacunas de conhecimento, somados com a distância existente na relação professor aluno, poderão ser mais bem identificadas a partir das vozes aqui analisadas. Nessa perspectiva, apresento as análises a partir das vozes dos sujeitos.

Suas vozes expressam que as escolhas em relação a cursarem o Ensino Médio estão relacionadas em um primeiro momento a exigência da sociedade em concluírem a educação básica para ingressarem no mercado de trabalho, que tem pouco influencia dos pais sobre seus estudos, porém coloca a escola como a possibilidade real de mudarem de vida. É válido ressaltar que só um jovem demonstra o interesse em ingressar no ensino superior.

Essas informações iniciais, em um primeiro contato com os jovens, sujeitos de nossa pesquisa, nos levaram a indagá-los sobre os motivos relacionados a escolha daquela escola para cursar o Ensino Médio. Vejamos abaixo:

Am: olha eu desde a quinta série eu estudo no Camilo (2)⁸ o aprendizado é bom por isso que eu fiquei até, hoje (.) mas sempre teve anos que eu parei (2) mas agora tô tentando terminar

Fm: Eu estudei no: na=escola=Nestor=Nonato=Lima que é uma escola (1) do município, (1) e:: estudei o meu fundamental todo lá depois passei pro Arthur Porto (1) fiz a oitava série lá (.) e: algumas coisas me desestimularam fiz algo de errado lá e eu fiquei retido em uma matéria depois eu vim pro Camilo (2) por ser uma: instituição de ensino melhor (1) não melhor, assim entre aspas porque praticamente (1) daqui da região ela é uma das melhores que eu digo e: isso foi: em °dois mil e dezesseis° parece (1) e tô até hoje aqui (.) tive que desistir uns tempos mas tô aqui

Rm: eu vim estudar aqui acho que: vim fazer o primeiro ano (1) aí: no segundo ano parei (1) parei uns dois ou três anos (2) dois anos, (1) aí voltei ano passado pra o segundo ano e: hoje eu tô tentando terminar o terceiro (1) tô tentando não (.) vou terminar porque já -tá no final do ano (.) e eu vim estudar pra cá mesmo também por causa do acesso (1) e também pelo fato de ser uma escola melhor (.) °por aqui por perto°

Lm: eh: eu estudei no Arthur Porto: desde a primeira série eu comecei **lá** fazendo o ensino fundamental e terminei o ensino fundamental aí vim pra cá por indicações (1) a escola é boa e mais, perto, de casa também °que eu venho de bicicleta° (2) aí me falaram que é boa (1) °vou continuar° (5)

Jf: eu escolhi porque minha mãe (1) ela fez o: ensino (2) médio e (2)fundamental todinho °aqui° quase todo (.) ela parou (.) e eu já tinha uma boa referência na época que ele era uma escola boa (4) aí foi @por isso que eu vim pra cá@

⁸ A transcrição segue o modelo recomendado pelo Método Documentário que inclui símbolos, como forma de aproximar o texto escrito (transcrição) do ritmo da fala oral, ou seja, do modo como ela aconteceu. Os símbolos indicam pausas em segundos (2) ou o sinal de @para referenciar risadas

Tf: bom eu já vim porque mora perto de casa (1) fica perto de casa aí ° é melhor pra mim° (4) pode falar

Bf: ah, o meu também é porque é mais perto de casa né (1) antigamente não era -tão perto agora

Mf: pra mim também é porque fica mais perto de casa (.) porque se a gente tivesse condições a gente estudava em outro colégio (4)

Os jovens evidenciam que a maioria dos participantes do GDM e GDF expressa como por motivo principal a proximidade da escola a seu local de residência e porque entre as escolas do bairro ela é a referência em Ensino Médio, porém tem ciência que suas condições não são as melhores. Entretanto no GDF, uma das meninas aponta outra motivação, se referindo a avaliação positiva das escolas em torno de sua casa e também um vínculo afetivo, pois indica que sua mãe estudou lá.

É importante destacar que esses jovens já nasceram inseridos em um contexto de exclusão social. Esse contexto existia antes de seus nascimentos e afeta suas trajetórias, em especial nas periferias dos centros urbanos, pela falta de políticas públicas sociais. No entanto, esse contexto social é o mais próximo desses jovens e neles estabelecem suas relações e se integram a ele, buscando sobreviver da melhor forma possível, apesar da negação de seus direitos sociais, no caso deste, os referentes ao Ensino Médio.

Sabemos que a educação pública no Brasil não é prioridade nas políticas governamentais, em Belém do Pará essa realidade não é diferente, as condições das escolas são precárias, principalmente nas periferias, a exemplo do bairro do Jurunas. As escolas estão sucatedas e os professores desvalorizados e sem condições de trabalho. Essas condições influenciam na aprendizagem dos jovens do Ensino Médio público e refletem formação de suas identidades. Sobre esses aspectos os jovens, se manifestaram da seguinte forma:

(GDM)

Fm: A estrutura do colégio não é muito boa (1) te:m (.) tem o fedor do lixo aqui e do lado (2) às vezes é muito quente aqui e várias outras coisas mais.

Bm: a estrutura não é boa e tem a insegurança também (.) que apesar de ter uma DATA ali mas -tá cheio de: de=de (1) viciados moradores aqui do lado (.) aí fica ruim também (1) um dia desses (1) nossa colega não foi (.) o namorado dela **foi sequestrado** aqui do lado (1) aí: foi tenso; (4) °é isso°

Rm: eu acho também que é falta de comprometimento de alguns professores porque: teve (.) vários que desistiram, teve uns três professores que desistiram de dar aula pra gente (1) professora: de história professora de: (.) biologia professo:professo:r qual foi o outro que desistiu (.) também foi o outro que trocou (.) foi história biologia e: (1) (°qual foi o outro°) (3)? Eu não sei até: até hoje a gente -tá se:m professor- (.) -tá terminando o ano e a gente não tem professor de biologia

Am: nós só fizemos a primeira avaliação só que era uma mulher (1) aí trocaram pelo substituto que (foi um homem), mas só que ele desistiu. Só veio uma vez só°(.) não sei como eles vão fazer isso aí.

Am (.) lá no Camilo lá que -tão construindo tinha armário (.) tinha sala de informática, né (2) a sala de: (.) de experiência científica (.) aqui não tem nada; (1) acabou a aula vai embora. Na antiga escola Camilo, lá dava até pra jogar uma bola. Aqui não tem espaços de lazer, não temos aqui.

(GDF)

Bf: olha sinceramente como falaram não é a nossa escola mesmo aqui né mas (2) meio: que: (2) atrapalhou nós mesmo né (2) não sei como falar, a mudança de local atrasou muito realmente o ano todo (1) entendeu (1) -tá tipo desorganizado (2) °mas° (2) -tamo aí

Jf: no nosso caso (2) den- na nossa sala a gente quase não tem aula só pra nossa turma (1) sempre tem que juntar turma porque a turma não tem professor ou a turma não tem **a sala** (2) a nossa sala é lá em cima (1) aí a gente teve que vim pra cá pra baixo °com a outra turma° (5)

Tf: eu acho assim tipo tem alguns professores que são (.) são bacana que sabe ensinar direito o ruim @(.).@ é: é esse fato de: a gente não ter a nossa sala mesmo

Os jovens entrevistados destacam as condições em que é ofertado o Ensino Médio, pois tem clareza da real situação de sua educação formal, pois expressaram claramente a falta de infraestrutura, de segurança nas escolas e de valorização dos professores. Indicam que tais condições atrapalham o desenvolvimento da aprendizagem. Os problemas elencados denunciam condições precárias de atendimento escolar, na capital do Pará e o descaso com que é tratada a educação no município.

É importante desconstruirmos os estereótipos que discriminam as condições intelectuais dos jovens das periferias, pois eles vivem as mazelas da educação pública e sabem que seus direitos não estão sendo garantidos, pois conseguem identificar o que lhes foi negado. São falsos os rótulos que caracterizam os jovens como sujeitos alienados, sem visão crítica, que não têm boas ideias, não sabem o que querem, ou não “querem nada da vida”.

Para termos parâmetros sobre um Ensino Médio público de qualidade para juventude da periferia, o ponto de partida devem ser o que dizemos sujeitos que lá estão, ouvindo suas aspirações, suas áreas de interesse, reconhecendo-os como sujeitos de direitos e que podem contribuir até mesmo na formulação de políticas sociais, a exemplo da educação.

Para Togni e Carvalho (2007), essa unificação do sistema de ensino não reconhece as diferenças sociais existentes entre os estudantes que frequentam a escola diurna e os estudantes da escola noturna, mas reforça as desigualdades de oportunidades educacionais.

Em um segundo momento das entrevistas, os jovens foram estimulados a *falar sobre como é ser estudante no Ensino Médio noturno na periferia de Belém*. Neste seguimento da entrevista buscamos as reais motivações para um jovem buscar a escola noturna.

Fm: é cansativo (1) pra algumas pessoas é cansativo pra mim não é cansativo porque eu não trabalhava (.) tenho amigos que chegam a noite cansados e tem que ir pro colégio (.) mas é uma luta que a gente temos que passar né pra gente conseguir nossos objetivos e: (1) é isso eu também creio que: se=eu (.) se=eu ter aquilo dentro de mim pra mim ir pro colégio pra mim completar o objetivo (1) talvez eu conseguir entrar numa faculdade ou não (.) o amanhã ninguém sabe mas (.) quem sabe do nosso destino só é Deus

Y: uhum

Rm: eh: (1) pra mim também é bastante cansativo às vezes assim (1) mas esse ano assim eu até dei um chega pra lá no trabalho (.) eu (.) conversei com o meu patrão disse assim olha esse ano é meu último ano né (1) então eu tenho que me esforçar tenho que passar (1) aí eu (.) aí quando ele diz bora fazer uma hora extra (.) eu digo não (.) hoje eu tenho que ir pra o colégio tanto que (.) esse ano eu até decidir ser chefe de turma pra me ser mais responsável com os alunos aí eu tento correr atrás se tem uma apostila ali aí eu tiro pra eles tudinho (1) pra mim esse ano -tá sendo muito tranquilo mas os outros anos eu mais desistir mesmo porque (1) por causa do trabalho porque eu fazia hora extra (.) só (.) pensava em trabalhar e ganhar dinheiro (.) pra mandar (.) pra mandar pro meu filho e aí era mais por isso (5)

Lm: cansativo também (.) o trabalho é cansativo chego cinco horas (.) seis e meia só faço tomar banho (1) e vir pra escola (.) eu fico muito cansado mas (1) °eutô me dedicando né° (eu não posso é desistir dos estudos)

Am: pra mim já foi bem cansativo (1) eu trabalhava pra mim mesmo tinha ponto de açai (1) só que: **ficou caro** o ponto aí eu tive que deixar hoje em dia (.) tô atrás aí eu tô **parado** (1) aí não -tá sendo tão cansativo como era (.) agora dá pra levar bacana o colégio (5)

Bm: @(.).@ qual era a pergunta (.) eu me esqueci (.) eu me esqueci

Y: queria que vocês contassem como é ser estudante no Ensino Médio

Bm: ah (2) acho que (4) sei lá (2) não tenho uma palavra pra responder essa pergunta (1) acho que estudante assim a gente estuda (2) eh: tipo como a gente acabou de falar é cansativo e tal mas é: necessário (1) pra gente avançar e tal acho que é isso não sei (5)

Nas vozes dos alunos/jovens entrevistados FM, LM, AM, BM constata-se que a jornada exaustiva de trabalho, para dar conta do sustento de sua família ou contribuir com o orçamento de casa, é um dos motivos principais do cansaço apresentado na escola de ensino médio noturno da periferia de Belém.

É válido destacar que as condições econômicas da família, levam os jovens a priorizarem o trabalho secundarizando os estudos. Mas não podemos desconsiderar que cada um desses jovens contém uma história de vida e suas particularidades. Para Castel (2010) o aluno jovem trabalhador é um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência.

Por outro lado, verifica-se nas falas dos entrevistados, que o cansaço gerado pelo trabalho, não foi um impedimento para continuarem os estudos visando à conclusão do ensino médio. RM, AM e BM a partir do entendimento da importância do mesmo para mudanças de sua realidade, destacam que o cansaço não levará ao fracasso e abandono do estudo.

No outro grupo, outras características foram acrescentadas. Observemos suas falas:

(GDF)

Jf: °complicado°

Tf: @(.).@

Jf: porque tem que: (.) acho que a maioria das (.) dos jovens aqui trabalham (1) e tem que saber diferenciar isso **que é difícil é**

Tf: e tem uns professores que nu:m (2) num não sabe ver isso

- Df: L nem vê entendeu
- Tf: não ver essa a situação nossa
- Jf: Lumas têm filho (.) outras além de filho trabalham (.) aí alguns professores eles não compreendem
- Df: (°piorou ainda mais agora°) (1)
- Bf: é porque praticamente assim juntou **tudo** (1) entendeu é casa (.) filho é trabalho escola °então é muito° (.) bem cansativo pra todo mundo
- Mf: e tem que ter tempo pra tudo e pra quem chega cansada não tem tempo pra isso
- Y: uhum
- Df: (tem vezes que eu falto muito né)
- Tf: L tem professor que cansa muito (.) principalmente o professor de geografia cara (.) ele (.) né parece que ele não compreende que a gente tem, a gente tem um=um=um uma outra prioridade além da escola, né (1) te::m (.) eu por exemplo eu tenho o meu filho (1) então antes de qualquer coisa **primeiro vem ele** e ele às vezes ele não compreende sabe (1) passa um boca::do de trabalho eh: **cem linhas** (1) **eh: sessenta linhas**
- ?f: é
- Bf: esse professor mana ele é complicado ele
- Mf: °ele é muito exagerado°
- Tf: L ele é (1) ele não entende
- Bf: Lnã:o porque realmente como ela falou né (1) tipo tem nossos filhos te:m as nossas coisas (1) às vezes a gente não tem tempo vamos supor **eu** (.) eu tenho celular mas não tenho tem- **internet** (.) eu não vou ter dinheiro pra ir todo tempo no ciber°pesquisar um negócio desses° (1) entendeu
- Tf: L ele não compreende
- Bf: Lentão é meio complica:do

Para além das questões referentes ao cansaço gerado pelo trabalho, as vozes das entrevistadas do GDF, quais sejam JF, TF, DF, BF e MF ao pontuarem que frequentar as aulas é “complicado” expõem suas dificuldades para continuarem estudando e que muitas das vezes levam a desmotivação, pois as jovens acabam não vendo mais a conclusão do Ensino Médio como uma possibilidade real para uma vida melhor.

Outro fator importante a ser considerado nas entrevistas do GDF diz respeito às práticas pedagógicas dos professores, que acabam não sendo atraentes para os alunos. Podemos associar essa situação a formação deficitária e as condições de trabalho dos professores de um modo geral, pela ausência de políticas públicas. Um professor qualificado é capaz de prover as condições e meios necessários pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e valores.

Não podemos esquecer que práticas pedagógicas que afetam as necessidades dos alunos, alcançaram maior êxito. Para além é importante que o professor destaque o avanço dos alunos, sendo uma forma de incentivo, pois o aluno se sente valorizado e estimulado a continuar estudando.

Este mesmo grupo de discussão pauta ainda outras questões: Vejamos:

Jf: no meu caso foi eh a professora de português (1) porque na época ela passou: u (1) teve um problema, de saúde, ela passou muito tempo afastada desde o começo do ano (1) não foi meninas (.) ela voltou no mês

?f: L(em outubro não foi)

Jf: Lfoi um mês e meio praticamente nesse, tempo, a minha mãe se acidentou (2) e eu fiquei com ela (no Metropolitano) e não -tava podendo vir (1) só que eu levei na secretária tudinho dizendo que quando eu saia eu pegava o atestado (1) que eu passava o dia todo (1) aí a minha irmã só ia pra dormir porque ela não tinha quem dormisse justamente porque eu tinha que ir trabalhar no outro (.) dia de manhã (1) aí: eu conversei (com a) diretoria e expliquei isso pra eles (.) só que quando eu fui com ela pra falar sobre isso ela falou que ela não tinha nada a ver (1) porque era um problema com a diretoria porque se a diretora disse que eles iam resolver é eles que têm que resolver não seria ela "entendeu" (1) aí então eu acho que eles não sabem compreender porque a gente pode (.) a gente teve que compreender porque ela -tava doente entendeu (1) ela faltou ela passou um trabalho na primeira avaliação (na segunda e depois na terceira) (3)

Tf: é complicado @essas coisas@

Bf: então. tudo isso. que -tá acontecendo -ta meio (2) bagunçado "tá tudo bagunçado" (2) realmente -tá meio complicado (1) prova já vai começa: r não tem assunto (1) porque como ela falou (.) é sala com sala aí briga porque era=era=era era aula do professor depois era de outro professor aí não (.) -tá entendendo então (1) não sei nem onde a minha cabeça (.) vive perturbada @(.)@

Nas informações obtidas com os alunos/jovens são desvelados vários motivos que resultam nos problemas enfrentados no Ensino Médio como baixa renda, desemprego, trabalho doméstico, trabalhos secundários (vendedores ambulantes, batedores de açaí, entre outros), problemas familiares, fatores externos a escola, mas, que contribuem diretamente para evasão dos jovens do ensino médio.

Dando prosseguimento as análises o GDF destaca esses motivos, evidenciando que o reflexo deles gera desestruturação na vida escolar, pela necessidade de assistir suas famílias, a escola é secundarizada, e ao retornarem sentem dificuldades na organização de suas atividades educativas.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas e a organização das atividades educativas precisam sofrer profundas transformações, pois são fatores decisivos e intrínsecos na permanência dos alunos na escola. Acreditamos que o professor e a direção da escola ao se sensibilizarem com as condições sociais dos alunos do Ensino Médio noturno, terão um número significativo de concluintes do ensino médio.

As entrevistadas ressaltam o papel do professor

Jf: não e às vezes gente vinha aí não vem o professor fulano (nem sicrano) aí a gente só vai ter aula no penúltimo horário (1) e a gente tem que ficar aqui até: nove dez horas da noite

Tf: °Sem fazer nada° (1) só esperando

Jf: L só esperando pra ter uma aula porque o professor às vezes trabalha em outra escola e só vem no horário dele (1) aí a gente tem que ficar esperando e às vezes eles nem vem às vezes marcam prova dia de sábado (1)

Tf: ah é

Jf: LAí o aluno vem

Tf: Lé horrível quando marcam prova dia de sábado

Bf: L°complicado isso°

Tf: Lé horrível quando marcam

Jf: Los professores não vêm (.) essa é a nossa terceira ou a segunda vez que marcam prova (.) e aí eu trabalho no sábado e tive que deixar pra vir fazer a prova (.) quando chegou aqui esperamos ah não vem não vem (2)

Tf: aí eles marcam pra outro dia a prova (1) °aí é ruim°

Jf: °difícil° (2) mas (1) que a gente vem pelo menos eu vou na secretaria entende explicar o que -tá acontecendo aí dizem que vão no final do ano vão resolve:r (1) aí, falam deixa chegar final do ano aí chega no final do ano e cadê

Tf: Lé aquela bagunça ainda tem i::sso porque (.) olha ano passado final do ano (.) que era quando estudava era no outro Camilo (.) não era aqui (.) aí a gente foi pra lá a gente -tava pra lá mano no final do ano deu uma cagada (1) que: -tava tudo errado as notas aí o pessoal tinham que tudo procurar as suas provas (falaram que iam descontar mesmo que a tua nota era aquilo) mana era (1) foi horrível ano passado (1) por isso que eu tenho as minhas no- minhas notas tudo guardadinhas porque (eu não sei como eles)

Um dos fatores destacados nas informações obtidas com o GDF, está relacionado à falta de professores, para ministrar aulas no Ensino Médio noturno. A falta de professores é um dos fatores que levam os alunos/jovens do noturno a desmotivação, pois apesar dos fatores externos a escola, procuram frequentar as aulas, como pode ser verificado nas falas anteriores. Porém, ao chegarem a escola após um dia exaustivo de trabalho, não terão aula, o que gera muita frustração nos alunos.

Por sua vez, os professores apontam as precárias condições de trabalho para se ausentarem do noturno, uma vez que lecionam no turno diurno e no noturno precisam enfrentar o cansaço, a falta de infraestrutura e as dificuldades dos alunos em assimilarem os conteúdos.

Para Togni e Carvalho (2007), os alunos necessitam de escolas que incentive, construam conhecimentos, que oportunizem a construção de relações sociais emancipatórias, que o inclua no mundo digital, na era das informações e das novas tecnologias, e que acima de tudo permita a participação na vida social, cultural e política com mais autonomia e cidadania.

As entrevistadas ressaltam quanto as notas de suas avaliações

Bf: Lé eu
tenho as provas tudo guardado porque eles também (.) como ela falou né de repente né ou trocam colocam uma nota baixa

Tf: Lé (.) e seu eu não
tivesse isso

Bf: L(trocam) uma nota
boa por uma nota baixa (.) aí fica entendeu

Tf: aí prejudica a gente

Jf: a diretora (1)

Mf: Lé complicado

JF:ela é uma pessoa maravilhosa (1) pelos menos ela já fez resolveu muita coisa pra mim (.) mas entre os funcionários que -tão abaixo, dela, (1) são os que querem (.) querem -tá lá em cima entendeu porque às vezes essas pessoas -tão se formaram pra te ajudar (1) mas (°ao mesmo tempo°) são pessoas que enquanto elas puderem te prejudicar elas te prejudicam porque se tu não -tá na escola é porque tu não quer eles pensam assim (.) entendeu

Y: uhum

Jf: aqui eu, vejo assim a diretora ela já me ajudou muitas vezes eu consegui também ela fez o conselho de classe pra eu conseguir pro meu marido (.) ele deu continuidade na aula dele (.) ela(.) mas tem funcionários aqui que (°eu não me dou bem°)

Tf: principalmente na (coordenação)

Dando continuidade as análises das vozes dos alunos/jovens surgem a associação entre notas baixas e o apoio da gestora no GDF. É importante salientar que a gestão nas escolas de ensino médio compreende inúmeras ações, dentre elas a gestão pedagógica do ensino e avaliação junto aos professores e coordenação pedagógica, levando em conta a função social da escola, empregando meios claros e compreensíveis para se alcançar determinados fins.

Daí a importância da percepção dos alunos/jovens do GDF sobre o papel da equipe gestoras em relação a organização do trabalho pedagógico. Cabe a equipe gestora motivar os demais membros para que todos os funcionários que trabalhem na escola contribuam para permanência dos jovens na escola e conclusão do ensino médio.

As entrevistadas ressaltam quanto a desistir de prosseguir os estudos

Bf: por isso que às vezes tem gente que desiste (1) não consegue ir até o fim

Tf: eu já pensei em desistir

Bf:então (.) tipo assim eu também já pensei em desistir mas não (.) meu último ano né vou até o fim (.) **até o fim** porque eu já tô aqui né não vou desistir agora (.) mas tenho vontade de jogar tudo pro ar

Tf: e agora eu tenho mesmo que terminar que eu já vou me mudar não vou mais morar aqui aí eu tenho que já pra onde eu vou já tenho que já acabar o ano porque eu já vou trabalhar pra lá

As entrevistas BF e TF destacam que apesar das adversidades que as acompanham na vida escolar não vão desistir e pretendem concluir o ensino médio. No decorrer da pesquisa apresentamos vários motivos que levam os jovens a desistirem de concluírem a educação básica, são circunstâncias alheias as suas vontades, ou seja, algumas situações que ocorrem não dependem da pessoa, acontece e impede a continuação dos estudos.

Podemos inferir que apesar das dificuldades enfrentadas pelas jovens elas tem a compreensão, pela própria situação social, da importância de concluir o ensino médio. A necessidade de trabalhar é um dos principais motivadores para que essas jovens concluam os estudos.

Por outro lado, além da possibilidade de acabarem com o problema financeiro, muitos alunos encontram na escola uma forma de convívio social e de constituição de suas identidades, ao terem a possibilidade de sua autonomia junto a família e a sociedade. Além disso, os esforços e a atenção dada aos estudos ajudaram a superar as dificuldades encontradas ao longo do caminho, o que podem ser o passaporte para o sucesso profissional e para uma qualidade de vida maior.

As entrevistadas ressaltam quanto ao certificado:

Bf: aí eu vejo assim que: (1) eu ainda não conseguir uma coisa melhor pra mim porque **eu não tenho** esse certificado (1) então eu preciso, desse certificado pra pelo menos ano que vem arranjar um emprego bom (1) entendeu

Tf: ainda tem esse negócio do certificado mana (.) e olha que meu irmão terminou, **ano passado** (1) e ele ainda não deram o certificado dele

Bf: ↳pois
é (.) eu não entendo

Tf: ↳eu
falei égua não (.) não acredito que eu vou ter que esperar também

Bf: e tu já pensou ele que terminou de estudar (.) lá imagine nós que -tá pra cá

Tf: **e temos** pessoal também que eu conheço uma colega minha ela eu acho que ela tem mais de quatro anos sem estudar (já terminou o estudo dela) e ela também ainda não deram o certificado pra ela; (2) ainda tem isso, mana o certificado é importante né (1) e eles não dão assim logo (2) tem que esperar a boa vontade deles (2) é complicado. (5)

Jf: °próxima pergunta°

Nas escutas obtidas com as jovens, identifica-se a importância dada ao documento que comprova o término dessa etapa, o certificado de conclusão do Ensino Médio. As jovens têm a perspectiva de emprego formal que lhes possibilite melhores condições de trabalho e remuneração, além de inclusão social.

As tessituras apresentadas nas vozes dos jovens do GDM e GDF evidenciam que independente dos motivos que os levaram a não terem a oportunidade de comparecer ou permanecer na escola e concluir o ensino médio na idade certa, os jovens da periferia de Belém, em especial do bairro do Jurunas procuram recuperar espaços educativos perdidos e desenvolver o sentimento de pertencimento a vida social, política e econômica.

Não podemos deixar de registrar a negligência do poder público para com os concluintes do ensino médio noturno das periferias de Belém, pois, não viabilizam as condições físicas e humanas para que as escolas possam emitir a certificação para os egressos, após a integralização da educação básica. Esse fato está registrado nas escutas dos GDM e no GDF o que ratifica a falta de compromisso com a educação pública, haja vista, tal função administrativa, ser a ultima responsabilidade do estabelecimento oficial de ensino com os alunos do ensino médio.

As vozes dos jovens entrevistados acima expressam ainda que a maioria escolhe o ensino noturno pelas condições sociais, pois necessitam trabalhar para se manterem financeiramente ou ajudarem no sustento de suas famílias de origem, ou das novas famílias que constituem ao se tornarem pais. Por outro lado, percebemos que a escolha pelo ensino noturno nem sempre é motivada pelo trabalho, mas há outros incentivos, tais como: reprovações sucessivas, falta de cursos diurnos, suposta facilidade do ensino noturno, necessidade de ajudar a família pelo trabalho ou em atividades domésticas e até mesmo a busca por conviver com iguais (TOGNI, CARVALHO, 2007, p. 69).

Para além dessas questões, a relação dos professores com os alunos é apresentada por eles como desarmônica. Alunos acusam professores de constantes ausências em sala, de tornarem a aula chata, gerando desinteresse, e de não utilizarem métodos e avaliações eficazes no ensino.

Outro aspecto importante a ser considerado são os fatores internos e externos à escola (relação professor-aluno, interesse pelas aulas, relações de amizade; renda familiar, incentivo da família) afetam fortemente a trajetória escolar dos jovens. Os jovens entrevistados em sua maioria pertencem a um contexto social de pobreza e dificuldades, mas não homogêneos.

A escola aparece geralmente como algo chato no presente, mas com bons resultados no futuro. Sobre esse aspecto perguntamos aos jovens se *acreditam que o Ensino Médio da escola pública da periferia de Belém pode ajudar em seu futuro.*

(GDM)

Fm: eu acredito que sim (1) claro né se: o aluno

Am: ↳se esforçar

Fm: ↳se esforçar e: também não
perder as aulas e prestar atenção nas aulas e absorver o que for passado (1)

Lm: vai da pessoa

Fm: porque muitos casos que: nessa escola aqui de alunos se: (1) passaram no vestibular (.) passaram no Enem

Am: Lque é o certo

Fm: basta (.) basta do aluno não basta só o professor -tána sala explicar e o aluno não prestar atenção (1) porque: pode -tá dez quinze vinte professores (.) os melhores professores (1) se o aluno não prestar atenção ele não vai passar

Rm: mas aí na maioria das vezes tem professor que é muito bom (.) se o aluno levar o conteúdo que pega aqui (1) ele vai se dá muito bem (1) tem um (.) tem um conteúdo assim que Enem (.) esse ano eu não fiz Enem mas o ano passado eu fiz e aí a professor dis- a professora mesmo dizia assim olha pega (.) leva esse negócio (.) estuda isso daqui tudo isso aqui que eu te dei e tu vai certinho no Enem a probabilidade (1) aí eu estudei bacana e: matemática foi a maior nota que eu tirei no Enem também porque eu estudei bastante até

Nos grupos de discussão GDM percebe-se posicionamentos críticos sobre os papéis e as competências de cada um dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. O sucesso escolar no ensino médio noturno estar vinculado a participação e ao interesse dos alunos/jovens, a superação de suas dificuldades em relação aos conteúdos e as adversidades que surgem em sua vida.

O empenho docente na relação ensino aprendizagem e da gestão em viabilizar as condições necessárias para uma educação de qualidade são condições primordiais para o sucesso escolar, como bem elencado pelos alunos jovens do GDM, o interesse deve partir deles como sujeitos desse processo e ser potencializados pelo professor, pela gestão e pela escola.

Neste grupo, dificuldades relacionadas a falta de professores nas disciplinas

Fm: na nossa sala do terceiro ano na trezentos e um (.) eu não sei na trezentos e dois (1) acho que é a uni- a única sala que tem (.) professor de literatura e redação é a nossa (.) é a única

Am: é a Jaci

Fm: não (.) é: (.) é a: (.) a professora que trabalha lá dentro do: (1) ela resolve processos lá (.) eu não sei o nome dela esqueci o nome dela (.) uma loira baixa (.) forte (.) não sei o nome dela

Rm: da trezentos e um

Fm: da trezentos e um

Am: na nossa é a Jaci (.) ela é uma professora muito boa também

Fm: a Jaci eh: trabalha em escola particular (.) muito do que é dado aqui no colégio é (.) praticamente é o mesmo que é dado em escola particular (1) (é o mesmo pra ambos) basta do aluno querer aceitar o conteúdo (1) absorver a informação e usar no dia a dia né

Rm: ela usa esse conteúdo com a gente por isso que às vezes a gente se lasca porque às vezes é muito (.) é muito conteúdo que ela passa aí se (.) se a gente não prestar atenção

Am: mas é uma professora que explica bem também (1) explica bem

Fm: ela faz de tudo pra gente (1) pra que a aula possa se tornar mais fácil pra gente absorver o conteúdo

Am: é=é (.) ela repete quantas vezes for

Rm: às vezes ela dá até resposta pro aluno (.) e o aluno vai lá e: erra

TD: @**(2)**@

Uma preocupação recorrente nas vozes dos alunos/jovens do GDM está relacionada à falta de professores no primeiro e no segundo ano, os quais fazem referência no momento das entrevistas aos professores de literatura e redação. Destacam que as práticas pedagógicas de uma das professoras facilitam a aprendizagem dos conteúdos, proporcionando com que o conhecimento se torne prazeroso e muito mais acessível até para os que mais possuem dificuldades em aprender.

Por outro lado, a falta de professores para atuarem no ensino médio noturno, principalmente nas escolas da periferia de Belém é um dos fatores determinantes na evasão dos jovens da educação formal.

Rm: égua (1) é isso que também complica (.) ela diz que complica por causa disso (.) ela diz assim olha elimina essa daqui (1) aí elimina essa daqui a e a b tu tem agora só d (.) a=a c e a d (2) aí depois ela (.) olha letra c a questão tudo mais (1) aí depois o que foi que eu te ensinei (.) aí a d -tá completamente errada (.) aí o aluno vai e marca

Am: Lmarca a d @**(1)**@

Rm: égua @**(.)**@

Lm: explica bem ela

Bm: °qual era a pergunta°

TD: @**(1)**@

Bm: pera aí que eu tô pensando aqui (1) é sério (1) ah

Rm: tava=tava bastante empolgado que eu vi aquelas duas meninas sentadas aqui né (.) eu digo olha vai ter (.) aí quando ver elas saíram aí eu falei pô (5)

Bm: @fala aí que eu esqueci de novo a pergunta@

TD: @(1)@

(GDF)

Jf: só no certificado (4) no meu caso °só no certificado° (2) todo professor que chega na frente (.) vem aqui (.) copia isso, mas isso e isso aí tu vai na internet copia e entrega pra ele pronto (1) às vezes nem ler (.) praticamente nem leio o que eu tô escrevendo (.) é dez linhas (1) ah dez linhas pronto (.) não mandou eu copiar (.) e quando chega na frente nem passa o conteúdo (6)

Tf: é complicado essa situação @(1)@ se tu ficar aqui vamos passar o dia todo a noite toda falando @mana@

Bf: Lé: a noite toda

Mf: agora que é oito e cinco ainda (.) @pode falar@

Jf: a escola precisa te acolher te=te (1) mas só que não tem esse acolhimento (1) porque a gente que trabalha (.) que tem filho (.) no meu caso eu não tenho filho mas eu trabalho de manhã e de tarde (1) **e ainda tenho** a minha mãe pra dar atenção entendeu °tem o meu marido tem a minha avó° (2) aí quando chega aqui na frente a gente tem que (.) aqui na escola no caso a gente tem que cumprir (.) a nossa obrigação que é estudar só que eles não dão (.) conforto, pra gente ter este estudo

Tf: por isso que muita gente para de estudar porque não ver interesse na escola assim (1) de te ajudar por isso que muita gente para de estudar (.) olha tinha mu::ita gente estudando aqui égua -tava lota::do aqui essa escola -tava lotado mas muitos desistiram mana

Bf: conheço muita gente

Tf: Los professores né começaram a não vir

Jf: hoje em dia na nossa turma não chega a: (.) a vinte alunos era assim uns quarenta, era muito

Tf: Lé: era muito

Jf: Lé: não tinha onde enfiar gente

Tf: era muito

Jf: acho que na nossa sala agora não chega nem a vinte e um (4)

Tf: parou de estudar. (.) muita gente. parou. de estudar. (4) por causa aí não vem professo assim a gente vem pra escola e aí não vem todos os professores e aí a gente volta (1) aí quando no outro dia a gente nem fica com vontade de vir pra escola (1) porque fica (.) desânimo ah, porque o professor não vem então (.) fica desânimo (.) sabe fica chato ° é complicado quando os professores não vêm° (4) é isso (4)

Jf: °próxima pergunta°

TD: @(2)@

Apesar do direito garantido à educação noturna, a realidade expressa nas vozes dos jovens entrevistados evidencia fatores que os levam para fora da escola, principalmente a condição econômico-social. Porém, outro fator importante deve ser considerado no processo de ensino e aprendizagem dos jovens, que refletem os conflitos de tendências que não contemplam o tempo e espaços de sua formação.

Os jovens do Ensino Médio noturno das periferias de Belém precisam enfrentar os preconceitos e se adequar as práticas pedagógicas, que muitas vezes ressaltam as diferenças sociais e impossibilita melhores oportunidades de trabalho e de estudo, pois ao não encontrarem as condições necessárias e incentivo para concluírem o Ensino Médio abandonam a escola.

Em contrapartida, os alunos necessitam de escolas que incentive, construa conhecimentos, que oportunize a construção de relações sociais emancipatórias, que o inclua no mundo digital, na era das informações e das novas tecnologias, e que acima de tudo permita a participação na vida social, cultural e política com mais autonomia e cidadania (TOGNI, CARVALHO, 2007).

3.3 - Juventude e Ensino Médio: experiências vivenciadas na Escola Estadual

O Ensino Médio é marcado por desafios em relação aos seus objetivos e características, tais como: dualidade entre preparação para o mercado de trabalho e preparação para o ingresso na educação superior; público heterogêneo; jovens trabalhadores; abandono escolar e demanda por uma reformulação dessa etapa (GELBCKE e STOSKI, 2016).

Cada escola de Ensino Médio possui suas singularidades culturais, sociais, econômicas, históricas. Nessa perspectiva, acredito ser de grande importância pensarmos o tipo de escola que as juventudes desejam, dialogar e ouvir o que os jovens falam sobre o que gostam e o que não gostam na instituição escolar.

Os jovens são vistos pela instituição escolar como desinteressados, por outro lado, a juventude não vê e não consegue estabelecer relação entre o que é ofertado pela escola e as suas perspectivas de futuro (DAYRELL, 2007); muitas vezes a escola ainda reconhece os estudantes a partir de padrões idealizados e não a partir das diferentes formas de ser jovem (ARROYO, 2014), mantendo a exclusão de diferentes grupos dentro do próprio sistema escolar.

Gelbcke_e Stoski (2016) apresentam aspectos importantes para a interação entre os jovens e a instituição escolar, como: reconhecer o estudante como jovem pressupõe considerar a diversidade sociocultural e as especificidades na origem social, cultural, de gênero, étnico racial que influenciam diretamente a trajetória escolar dos jovens; dialogar os conhecimentos científicos com os anseios e expectativas da juventude, pois a ausência desse diálogo implica na falta de sentido à experiência escolar (DAYRELL, JESUS & CORREA, 2013); reconhecer o jovem não apenas como estudante, mas como jovem, levando em consideração os fatores externos e internos à escola que compõe o ser jovem.

Daí a importância de conhecermos o que pensam os jovens da periferia de Belém sobre a escola de Ensino Médio noturno e sua relação com a constituição de sua identidade. Neste estudo optamos pela Escola Estadual Camilo Salgado, Localizada no Bairro do Jurunas em Belém do Pará.

De acordo com o histórico resgatado do livro de ata datado de 1938, a Escola foi fundada aos 21 dias de janeiro de 1938, com o nome de “Grupo Escolar Professor Camilo Salgado”. A homenagem foi prestada ao professor Camilo Salgado, homem bastante influente no campo educacional e cultural em Belém. Por conta da Lei maior que regia a educação no ano de 1971, o estabelecimento de ensino, passou a denominar-se “Escola Estadual de 1º Grau Professor Camilo Salgado” e após novas reformas que surgiram na Educação Nacional no ano de 1996, a escola passou a chamar-se “Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Camilo Salgado”.

Fazendo um retrospecto, veremos que a Escola já ofereceu Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos (I a IV ETAPA), os cursos de Educação Infantil e as I e II etapas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) estão atualmente extintos.

Atualmente, este estabelecimento de ensino conta com 16 (dezesesseis) salas de aula, todas ocupadas nos turnos manhã, 13 (treze) salas ocupadas a tarde e 13 (treze) salas ocupadas no turno da noite, oferecendo Ensino Fundamental (6º a 9º ano); Ensino Médio (1ª a 3ª séries); EJA Fundamental (3ª e 4ª etapas) e EJA Médio (1ª e 2ª etapas) totalizando 1.438 alunos regularmente matriculados. Vale ressaltar, que todos os níveis oferecidos nesta unidade são reconhecidos pelo CEE, por meio da Resolução nº 333 de 01/06/2015 CEE/PA.

Em relação ao Ensino Médio noturno, no momento da pesquisa de campo, verificamos que a estrutura da Escola não oferece as condições ideais para o ensino, faltam laboratórios, biblioteca e sala de informática. A Escola está em um espaço alugado pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), pois o prédio próprio está passando por reformas, justamente pela falta desses mesmos espaços pedagógicos.

O total de alunos matriculados e frequentando o Ensino Médio na Escola Camilo Salgado em 2018 corresponde a 740, desse total 250 (33,78%) pela manhã; 184 (24,86%) pela tarde e a noite 306 (41,31%). Do total de alunos cursando o Ensino Médio noturno, 60 alunos (19,60%) estão no Regular e 246 (80,39%) na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. No ensino regular os 60 alunos estão cursando o 3º ano do Ensino Médio, distribuídos em duas turmas. Na EJA, dos 246 alunos cursando encontramos 164 (66,66%) matriculados na 1ª etapa e 82 alunos (33,33%) matriculados na 2ª etapa. Se levarmos em consideração esses percentuais, podemos inferir que os jovens do Bairro do Jurunas, conseguem vislumbrar na educação uma possibilidade real de transformação social.

Esses dados são relevantes ao considerarmos o número de jovens cursando o Ensino Médio, na Escola Camilo Salgado, em especial ao relacionarmos à importância desse nível de ensino na formação e na constituição das identidades juvenis, principalmente ao discutirmos o acesso, permanência e a conclusão da Educação Básica e às perspectivas dos alunos/jovens sobre a educação e sua relação com a possibilidade de mudanças de sua realidade de exclusão social nas periferias de Belém. As vozes dos alunos/jovens entrevistados representam essa importância:

Fm: é cansativo (1) pra algumas pessoas é cansativo pra mim não é cansativo porque eu não trabalhava (.) tenho amigos que chegam a noite cansados e tem que ir pro colégio (.) mas é uma luta que a gente temos que passar né pra gente conseguir nossos objetivos e: (1) é isso eu também creio que: se=eu (.) se=eu ter aquilo dentro de mim pra mim ir pro colégio pra mim completar o objetivo (1) talvez eu conseguir entrar numa faculdade ou não (.) o amanhã ninguém sabe mas (.) quem sabe do nosso destino só é Deus

Rm: eh: (1) pra mim também é bastante cansativo às vezes assim (1) mas esse ano assim eu até dei um chega pra lá no trabalho (.) eu (.) conversei com o meu patrão disse assim olha esse ano é meu último ano né (1) então eu tenho que me esforçar tenho que passar (1) aí eu (.) aí quando ele diz bora fazer uma hora extra (.) eu digo não (.) hoje eu tenho que ir pra o colégio tanto que (.) esse ano eu até decidir ser chefe de turma pra me ser mais responsável com os alunos aí eu tento correr atrás se tem uma apostila ali aí eu tiro pra eles tudinho (1) pra mim esse ano -tá sendo muito tranquilo mas os outros anos eu mais desistir mesmo porque (1) por causa do trabalho porque eu fazia hora extra (.) só (.) pensava em trabalhar e ganhar dinheiro (.) pra mandar (.) pra mandar pro meu filho e aí era mais por isso (5)

Lm: cansativo também (.) o trabalho é cansativo chego cinco horas (.) seis e meia só faço tomar banho (1) e vir pra escola (.) eu fico muito cansado mas (1) °eutô me dedicando né° (eu não posso é desistir dos estudos)

Nos grupos de discussão, o que fica evidente é a perspectiva de concluírem o Ensino Médio, uma vez que se sentem menos preparados, ou sem condições para dar continuidade a seus estudos em outros níveis de ensino. Os alunos/jovens associaram esse fator as poucas oportunidades a que vem tendo na vida, a falta de oportunidades de estudo de qualidade nas escolas da periferia e da necessidade de abandonarem os estudos para trabalharem e poder garantir o sustento da família.

Bf:então (.) tipo assim eu também já pensei em desistir mas não (.) meu último ano né vou até o fim (.) **até o fim** porque eu já tô aqui né não vou desistir agora (.) mas tenho vontade de jogar tudo pro ar

Tf: e agora eu tenho mesmo que terminar que eu já vou me mudar não vou mais morar aqui aí eu tenho que já pra onde eu vou já tenho que já acabar o ano porque eu já vou trabalhar pra lá

Bf: aí eu vejo assim que: (1) eu ainda não conseguir uma coisa melhor pra mim porque **eu não tenho** esse certificado (1) então eu preciso, desse certificado pra pelo menos ano que vem arranjar um emprego bom (1) entendeu

Sobre esse aspecto fica evidente que os principais motivos para a desistência do prosseguimento dos estudos são: a) necessidade de trabalhar ou impossibilidade de conciliar escola e trabalho; b) satisfação em possuir tão somente o Ensino Médio, o que eles consideravam como “concluir os estudos”; e a c) obrigação de cuidar de filhos ou uma gravidez inesperada e, assim, a obtenção de novos papéis sociais (DAYRELL, 2006).

Os jovens da periferia de Belém enfrentam dificuldades para viver o tempo da juventude, que é um tempo de experimentação, de aprendizagens de papéis sociais e de construção de projetos para o futuro, uma vez que a escola, um dos espaços de construção de suas identidades, de aprendizagens e vivências está distante das vozes da rua, da realidade em que vivem da possibilidade de conhecer o mundo por eles próprios.

Com isso, um cenário grave, de negação de direitos, é vislumbrado a partir dos entraves vivenciados por esses jovens da periferia. São jovens que precisam de oportunidades de desenvolvimento, de expectativas positivas de uma vida com acesso a renda, a uma educação de qualidade, a uma moradia digna, que o tire da condição de vulnerabilidade social, sendo com isso necessário, a efetivação de políticas públicas mais afirmativas para esse público específico.

As escolas de Ensino Médio noturno da periferia de Belém precisam efetivar projetos educacionais que sinalizem para experiências, que motive e desperte os interesses dos próprios jovens, respeitando suas semelhanças e diferenças. O desafio, portanto, está na oportunidade de reencontros com uma escola de possibilidades - que reconhece jovem/aluno e com ele troca, dialoga, constrói saberes e conhecimentos (SOUSA e DURAND, 2002, p. 163).

Para além das discussões sobre o espaço de formação, outro aspecto muito importante surge nas discussões traçadas sobre a juventude e o Ensino Médio noturno na periferia de Belém, qual seja, o ponto de vista socioeconômico dos alunos/jovens da Escola Camilo Salgado, vejamos:

Rm: raramente o professor ou a diretora chega pra falar dos problemas que vivemos aqui (.) a gente nunca puxa esse tipo de assunto assim porque, falta as coisas em casa, minha mãe ta sem emprego (1) a gente não sabe se eles -tá disposto a: (1) falar, algo sobre isso (1) aí mas só que eles (.) a que mais atenção assim é a Jaci

Tf: olha a gente não conversa, eu queria ter uma vida melhor -tá.

Bf: mas falam eh poucos (.) não é todos (.) só os (.) porque tipo assim geralmente tem professores, que são muito mais chegados com a gente do que os outros (.)ai eu falo da minha vida sabe (.) meu pai ta sem emprego (1), minha mãe fica em casa (.) tem uns que sentam explicam e pronto não falam nada, não quer saber do que passamos, se tamo cansado (1) dão a aula dele (.) tem uns não que tipo assim parece que pegou intimidade contigo na sala de aula eles começam a perguntar entendeu (6)

Essas informações evidenciam que o aluno/jovem do Ensino Médio noturno da escola apresenta características que o enquadram em “carência de rendimento” e em “carência social”, conforme especificações do Banco Mundial para a pobreza. (*Online*: Banco Mundial- Índice de Desenvolvimento Humano-Relatório/2009).

Nestes termos, entendida a primeira como falta de recursos econômicos e a segunda como exclusão social, dependência e incapacidade de participar na sociedade, o que inclui o acesso à educação e à informação. O desemprego que envolve grande parte da população que vive na periferia do Bairro do Jurunas leva os jovens e adultos a desenvolverem suas atividades no âmbito da economia informal, atuando nas feiras livres, no comércio ambulante, empregos domésticos e também como prestadores de serviços em diversos ramos da iniciativa privada (lava – jato, açougue, atendentes de lanchonetes, caixas de supermercados, transporte alternativos e outros, construção civil). O desemprego dos jovens no bairro do Jurunas contribui, também, para que este seja considerado uma área de zona vermelha⁹. O jovem acaba sendo levado, pelas condições de exclusão social, pela falta de políticas públicas a que é sujeito, a se envolver na criminalidade, num primeiro momento participando de pequenos furtos, em seguida adentra no mundo das drogas, esse movimento contribui para elevar os índices de violência, uma vez que esse jovem não consegue ser produtivo socialmente, acaba se dirigindo para sua inserção no mundo do crime. Cabe ressaltar que o bairro do Jurunas, onde a Escola Camilo Salgado está localizada é deficiente em infraestrutura, apresenta problemas no que diz respeito a coleta sistemática de lixo e a população conta de forma precária com o serviço de saneamento básico, pavimentação de ruas, abastecimento de água, luz e telefone. A população do bairro não dispõe de áreas livres de lazer, limitando-se a frequentar festas em Sedes, cujo movimento permite grandes aglomerações e conseqüentemente a utilização de drogas ilícitas, formação de *gang's*, promiscuidade juvenil, além de possível envolvimento em assaltos e crimes hediondos.

⁹ Bairros identificados como de alta periculosidade

Esse contexto social, mas a necessidade do aluno/jovem trabalhar são alguns dos fatores que acreditamos ter influencia na reprovação e evasão no Ensino Médio noturno. No levantamento feito pela Secretaria da Escola Camilo Salgado, realizado no ano de 2017, os dados indicam que do total de 336 alunos matriculados no turno da noite, registrou-se uma evasão de 152 alunos, o que corresponde a 45,23% dos alunos matriculados. No que se refere à aprovação 171 alunos alcançaram os resultados esperados, ou seja, 50,89% dos alunos matriculados no turno da noite e 13 alunos foram reprovados, o que corresponde a 3,86% do total.

Como podemos perceber, o número de evasão se destaca no cenário da Escola Camilo Salgado, refletindo os indicativos das discussões anteriores, sobre o abandono dos jovens por novos papéis assumidos na sociedade, a exemplo dos alunos/jovens que se tornam mães ou pais, pela necessidade de trabalhar para seu sustento, ou por desestímulo em relação à conclusão do Ensino Médio e a continuidade de estudo em nível superior.

Essa realidade distancia os alunos/jovens do Ensino Médio noturno, afastando-os da escola o que resulta na perda de um espaço importante nas periferias que contribuem para construção da identidade juvenil.

Para além desses fatores, Dayrell (2007) afirma que os jovens são vistos pela instituição escolar como desinteressados, por outro lado, a juventude não vê e não consegue estabelecer relação entre o que é ofertado pela escola e as suas perspectivas de futuro; muitas vezes a escola ainda reconhece os estudantes a partir de padrões idealizados e não a partir das diferentes formas de ser jovem (Arroyo, 2014), mantendo a exclusão de diferentes grupos dentro do próprio sistema escolar. Porém, entender a relação entre juventudes e escola não é uma tarefa fácil visto que não se diz respeito apenas à escola e aos jovens, mas envolve os fenômenos da sociedade ocidental que influenciam os processos de socialização (DAYRELL, 2007).

Rm: antigamente até pegavam no meu pé (.) até a oitava série assim hoje em dia ninguém fala (.) só perguntam já terminou os estudos aí falam vai terminar porque: pelo menos já é um passo pra alguma coisa na tua vida (1) então se tu quer caminhar então dar o primeiro passo que é terminar os teus estudos (1) acho que só isso assim que eles sempre (.) praticamente, um incentivo né então falando isso pra mim mesmo (1) até porque mais porque por causa do trabalho mas só que eles sempre ficaram assim me alertando assim (.) me incentivando dizer olha por que tu parou esse ano tem que continuar (.) vê se (.) conversa com a diretora fala a tua situação (1) pra ver se tu começa (.) só que eu nunca vinha atrás nos anos que eu parei né (1) mas só que esse ano eu foquei (.) égua cara finalmente né -tá terminando (1) eles sempre ficaram me incentivando (2)

Tf: a minha família dá muito apoio porque ela que fica (.) eles que ficam com o meu filho pra mim poder vir pra escola né (1) então eles já me ajudam bastante por causa disso (2) senão mana

Bf: se não fosse minha mãe mana eu acho que eu não -tava aqui na escola (.) eu não -tava com quem eu ia deixar meu filho

A escola de Ensino Médio deve estar próxima da realidade do jovem, pois ele se encontra desmotivado a dar continuidade nos estudos, para evitar sua permanência por “obrigação” ou levá-lo ao abandono. Os jovens motivados esperam oportunidades melhores na vida por meio do estudo.

3.4 - Juventude e Ensino Médio: projeções Futuras

Na sociedade contemporânea, a juventude busca encontrar seus caminhos. Na busca por esses caminhos, a educação atrelada às transformações sociais, culturais, históricas, econômicas e políticas do país constitui-se como uma possibilidade real de construção das identidades juvenis.

Nesse contexto, a escola pode ocupar um papel de destaque na vida dos jovens das periferias de Belém desde que se compreenda que eles estão dentro de uma instituição, inclusos e pertencentes à comunidade paraense, que está inserida em um sistema com uma estrutura social estabelecida por interconexões e interferências, o qual influencia os processos educacionais desses jovens e os sentidos e significados atribuídos à escola por eles (PEREIRA, LOPES, 2016).

Vale ressaltar que o modo de vida dos jovens nas periferias de Belém, as experiências por eles vividas, muito das vezes marcado pela violência e pela exclusão social dentro da comunidade, no campo familiar ou dentro de um grupo ao qual ele está envolvido, a exemplo da escola nos ajudam a compreender as suas mudanças seja comportamental ou na maneira de pensar. O jovem sofre a influência de diversos fatos sociais, culturais e relacionais, que ao longo dos anos também influenciam para construir sua própria identidade (OSCAR, 2005).

Nas vozes dos alunos/jovens percebemos que eles têm percepção dessas influências e da importância delas para construção de suas identidades e perspectivas futuras, como ficam evidentes nas falas abaixo:

Rm: (.) mas é pela educação que tu vai saber (1) se a tua mãe não te der um alertar ou se a tua mãe te deixar jogado por aí tu não vai saber como é o mundo tu vai saber o mundo pelos outros

Jf: aí ele, meu companheiro: (.) eu consegui conversei com a vice-diretora coloquei ele pra estudar aí (.) ele fez o (.) sétimo e oitava (.) aí depois fez o primeiro e o segundo (1) só que quando ele chegava se:is e meia, do trabalho aí era o tempo da gente se arrumar e vir pra escola (.) aí quando a gente chegava aqui tinha que passar por tudo isso (1) aí ele: parou (.) ele parou na: °segunda avaliação° (1) depois de (.) ele tinha uma dependência a tarde (.) aí eu vinha de tarde no sol conversava com a diretora com a Aline (.) conversava com ela foi que ela fez o conselho de classe e conseguiu com=que ele pagasse essa dependência fazendo duas provas (1) entendeu. e conseguiu que ele ficasse só no regular mesmo (1) a noite (.) aí era que ele vinha só à noite mas mesmo assim ele não resistiu para poder terminar a escola

Bf: só sei que eu faço tudo (eu tenho passagem com a mamãe) não mas é mesmo entendeu (.) eu saio me divirto (1) apesar que eu ainda, sou de maior, né mas é como se eu ainda fosse criança ainda pra mamãe né o bebê dela

Nessas falas, ficam evidentes o papel da família e da escola na formação dos jovens, RM e BF ao destacarem a importância dos conselhos de suas mães sobre a vida e do apoio para continuidade de seus estudos. Nesse caso a experiências de vidas de suas mães que apesar de não terem concluído a educação básica conseguem ver na educação de seus filhos um caminho diferente dos seus. Na voz da jovem JF percebemos a maturidade em relação a importância de seu companheiro concluir o Ensino Médio, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelo casal.

A partir das vozes dos jovens RM, BF e JF sobre suas vidas escolares na periferia, podemos inferir que a juventude deve ser entendida como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. Trata-se de um período determinado, porém não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma, “[...] todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona” (DAYRELL, CARRANO, MAIA, 2014).

Um dos espaços institucionalizados que contribui para constituição do sujeito é a escola. Ao se relacionar escola e juventude, ainda são grandes as lacunas no que diz respeito à equidade e qualidade, pois é no âmbito dessa instituição que a maior parte dos jovens toma consciência de oportunidades e possibilidades existentes, mas é onde, ao mesmo tempo, tem a percepção de que lhes são negadas as condições reais para aproveitá-las (PEREIRA; LOPES, 2016). As experiências escolares dos jovens, muitas vezes, evidenciam que a instituição escolar se coloca distante de seus interesses e necessidades, não conseguindo entender nem responder suas reais demandas.

Pereira e Lopes (2016) ao relacionar escola e juventude, destacam que os esforços deveriam estar em torno da reflexão dos atores escolares sobre a condição juvenil de seus alunos e as demandas que eles apresentam para a escola; como contribuir para a construção de seus projetos de futuro, articulando necessidades atuais e repensando a forma utilizada para responder aos desafios que as juventudes nos colocam.

A vida da maioria dos alunos/jovens entrevistados é cercada de perigos, muitas das vezes envolta na criminalidade. Os direitos sociais desses alunos/jovens são negados diariamente pelo Estado, muitos vivem cercados pelo universo das drogas, enfrentando verdadeiras batalhas diariamente para fugir dessa realidade.

Alguns dos alunos/jovens relataram que seus amigos e familiares se entregaram a esse universo da violência. Porém buscam formas de não se deixarem envolver nesse mundo, constroem identidades de resistência a esse mundo. Abaixo apresentamos trecho das entrevistas de AM, BM e RM que expressa essa determinação de ser diferente do que lhes é imposto pelas suas condições socioeconômicas.

AM: tio (.) tenho primo traficante, conheço um rapaz lá da rua que roba (1): faz uns três meses que eu parei de falar com eles totalmente (.) ele me convidou pra roubar e eu: parei de falar com eles: sabe (1) que ele (.) uns e outros querem agarrar ele lá na rua (.) matar ele (.) os cara vararam de carro atiraram e acertou justo no pai dele (1) o pai dele -tá mal no hospital por causa dele né e eu parei de falar com ele né porque ele me convidou pra isso e amigo que é amigo não convida pra isso

BM: porra é eu de novo @(1)@ já falei ainda agora (1) ah eu acho que é difícil como (1) vou repetir o que eu falei agora (.) como ele falou a pessoa tendo mente fraca (.) ela vai se desviar da escola vai ir acaba sendo morto porque acaba sendo morto realmente (.) nesse bairro que a gente -tá vivendo a criminalidade -tá crescendo (1) morte tão tipo é ruim jovens assim tipo (1) ainda mais quando é jovem e negro aí cara a=a a criminalidade tipo eles não querem saber eles vão (1) eles convidam (.) a pessoa vai (.) morre e acaba acontecendo o que acontece aí a pessoa perde a vida e tal (1) porque: adolescente a gente (.) a gente recebe convite pra tudo quanto é coisa? vocês sabem @(.)@ é=é=é ralado (1) convite pra ir pra balada (.) essas coisas assim é ruim o jovem tem que ter consciência

Rm: antigamente até pegavam no meu pé (.) até a oitava série assim hoje em dia ninguém fala (.) só perguntam já terminou os estudos aí falam vai terminar porque: pelo menos já é um passo pra alguma coisa na tua vida (1) então se tu quer caminhar então dar o primeiro passo que é terminar os teus estudos (1) acho que só isso assim que eles sempre (.) praticamente, um incentivo né então falando isso pra mim mesmo (1) até porque mais porque por causa do trabalho mas só que eles sempre ficaram assim me alertando assim (.) me incentivando dizer olha por que tu parou esse ano tem que continuar (.) vê se (.) conversa com a diretora fala a tua situação (1) pra ver se tu começa (.) só que eu nunca vinha atrás nos anos que eu parei né (1) mas só que esse ano eu foquei (.) égua cara finalmente né -tá terminando (1) eles sempre ficaram me incentivando (2)

Na realidade imposta aos alunos/jovens AM, BM e RM o Ensino Médio noturno assume um papel fundamental na construção de novas possibilidades de vida. É importante compreender que os jovens estudantes pedem uma escola que estabeleça uma ligação entre a razão e a realidade, capaz de refletir sobre o significado do conhecimento e a forma como ele está sendo assimilado pelos estudantes, com captação do conteúdo da vida real e criando relações novas no espaço da escola, motivando o estudante para concepções emancipatórias sobre o mundo, o trabalho, as relações sociais, enfim, sobre a vida.

Os jovens têm objetivos quanto ao seu futuro, o trabalho ou a entrada no Ensino Superior. Consequentemente associam a realização destes com a escola e seu processo dentro dela. Porém, criam significados importantes para irem e permanecerem nessa instituição e, assim, chegarem ao seu objetivo final. Conferem sentidos positivos ao ato de aprender, com isso podemos considerar que visualizam no Ensino Superior a continuidade dos estudos e valorizam nesse nível de ensino a possibilidade de aprenderem coisas novas, pois não demonstram interesse com relação às disciplinas curriculares e aos conteúdos mais sistemáticos do Ensino Médio, criticam a forma como são reproduzidos no modelo da escola (PEREIRA; LOPES, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivamos compreender as percepções dos jovens sobre as distâncias e aproximações entre suas expectativas e as experiências vivenciadas e desenvolvidas nas escolas públicas de Ensino Médio, de Belém do Pará, no período de 2014 a 2016.

Os resultados das análises foram organizadas em seções para uma melhor compreensão das discussões. Na primeira sessão apresentamos as motivações pelo estudo, por meio de meu memorial acadêmico-profssional, bem como os norteadores investigativos sobre a juventude e o Ensino Médio, por meio de pesquisa com base nos pressupostos da fenomenologia e da pesquisa qualitativa, tendo como sujeitos os alunos/jovens do Ensino Médio noturno do Bairro do Jurunas, periferia de Belém do Pará

Na segunda seção, tratamos das bases teóricas de sustentação da pesquisa iniciando as discussões acerca da juventude sobre suas conceituações, tendo em vista a complexidade do termo. Além de discussões sobre os elementos constituintes das identidades dos jovens focando na relação juventude e escola e juventude e trabalho mediados pela sua condição de estudante do Ensino Médio noturno, pois nossa intenção ao discutir a juventude é delinear uma perspectiva que está para além dos conceitos estereotipados e interpretações postas pela sociedade.

Na terceira seção, apresentamos os resultados das análises para responder nossa questão problema: sobre os jovens e suas percepções em relação às distâncias e aproximações entre suas expectativas e as experiências vivenciadas e desenvolvidas nas escolas públicas de Ensino Médio, de Belém do Pará, no período de 2014 a 2016.

As respostas e análises das informações obtidas com os jovens dos GDM e GDF nos levam a inferir, dentre outros aspectos que:

- a) São filhos de trabalhadores informais e é a primeira geração em suas famílias a terem a chance de concluírem o Ensino Médio, superando a falta de escolarização de seu grupo para viver em melhores condições sociais;
- b) Pais muitos jovens que precisam trabalhar e estudar, que abandonam e retomam os estudos constantemente pelas suas condições sócias e econômicas;

- c) Enfrentam preconceitos e tem que se adequar as práticas pedagógicas, que muitas vezes ressaltam as diferenças sociais e impossibilita melhores oportunidades de trabalho e de estudo;
- d) Necessitam de escolas que incentive, construa conhecimentos, que oportunize a construção de relações sociais emancipatórias, que o inclua no mundo digital, na era das informações e das novas tecnologias, e que acima de tudo permita a participação na vida social, cultural e política com mais autonomia e cidadania.
- e) As escolas onde é ofertado o Ensino Médio noturno para os jovens da periferia de Belém, em especial do Bairro do Jurunas, precisam de infra-estrutura adequada, a exemplo de laboratórios de química, física e biologia, laboratórios de informática, biblioteca, espaço de lazer e recreação.
- f) Mantidos distantes do processo de elaboração, implementação das políticas sociais para juventude, principalmente nos modos como são estabelecidas as relações com os próprios segmentos juvenis destinatários das políticas de protagonismo juvenil gerando desemprego, violência e o envolvimento com o mundo das drogas.
- g) Existem também algumas práticas isoladas capazes de reconhecer os jovens como sujeitos capazes de participação, e em caráter minoritário, ações voltadas para os processos de construção de autoestima e de identidades juvenis, com base no diálogo com as formas coletivas pelas quais esses segmentos se organizam.

Esses indicativos sobre quem são os jovens da periferia de Belém e em que condições cursam o Ensino Médio noturno (questões socioeconômicas, ausência do estado, trabalho, ambiente educativo, prática educativa, acesso e permanência, gestão democrática, etc) nos levam a certo entendimento sobre o decréscimo das matrículas do Ensino Médio em especial da educação noturna que possui uma lógica de educação ligada à vida dos sujeitos e as formas de aprender que estão conectadas com o trabalho prático.

O sujeito do ensino noturno que por algum motivo não teve a oportunidade de comparecer ou permanecer na escola, seja do Ensino Regular ou na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) não busca apenas um certificado, mas procuram recuperar espaços educativos perdidos e desenvolver o sentimento de pertencimento a vida social, política e econômica, visto que, a falta de acesso à educação, impossibilita o acesso a outros direitos e deveres. Assim, educar os jovens brasileiros, em especial das periferias das cidades é compreender que a maioria desses sujeitos possui marcas de exclusão social e escolar, bem como reconhecer que são sujeitos de histórias, culturas, identidades, conhecimentos, saberes e de projetos de vida.

No Estado do Pará, em especial na periferia da cidade de Belém, a possibilidade de mais jovens concluírem o Ensino Médio e superar a falta de escolarização de seu grupo e viver melhor na sociedade, são indicativos de que os jovens paraenses compreendem a importância do Ensino Médio para suas vidas, é uma garantia de futuro melhor diretamente ligada ao mercado de trabalho e contribui também para constituição de suas identidades e para entender melhor a realidade em que vive.

Para superação dos problemas vividos pelos jovens, como sua situação de vulnerabilidade social (desemprego, violência, drogas) e para constituição de suas identidades é necessário que ele torna-se sujeito de sua história. Precisamos superar a concepção de que a juventude é alienada, que defende que o sujeito jovem está se formando para o “vir a ser”, assim compreendem a juventude dentro de uma condição geracional, reconhecendo as múltiplas identidades com as quais os jovens se apresentam (DAYRELL, JESUS e CORREA, 2013).

Nesse sentido, acreditamos ser a educação uma estratégia fundamental para esse entendimento. A seguir elencamos aspectos importantes para a interação entre os jovens e a instituição escolar, como:

- a) Precisamos ter clareza de quem são os jovens (diversidade sociocultural e as especificidades na origem social, cultural, de gênero, étnico-racial) do Ensino Médio noturno, para construção de um trabalho diferenciado do ensino diurno e a construção da relação do conhecimento sistematizado com os conhecimentos cotidianos;

- b) Viabilizar condições de trabalho docente: os professores que lecionam no turno diurno e no noturno precisam enfrentar o cansaço, a infra-estrutura, as turmas cheias e heterogêneas;
- c) Proporcionar para os professores formação continuada para que ele possa trabalhar os conteúdos com os alunos do noturno, visto que os alunos do noturno possuem necessidades e interesses diversos, possibilitando o diálogo dos conhecimentos científicos com os anseios e expectativas da juventude;
- d) Criar estratégias de enfrentamento para superar a dicotomia vivenciada pelos jovens, pois o mundo escolar possui uma estrutura rígida e o mundo juvenil é marcado por uma estrutura mais dinâmica.

Com base nas reflexões apresentadas acima, percebe-se que o jovem no Brasil, e em especial na periferia de Belém do Pará, ainda não é levado a sério. Acerca da relação juventude e Ensino Médio a sociedade e a escola possuem uma visão negativa do ser jovem, como aquele que está se formando para o futuro, e não como um indivíduo que já é e deseja ser protagonista do seu processo de ensino e aprendizagem e de sua vida.

Por fim, acredito que a ausência de Políticas Públicas na Educação Brasileira, contribui significativamente para a vulnerabilidade social dos jovens, que desprovidos de oportunidades e sem a presença ativa do Estado, dificilmente terão a possibilidade de alcançar condições de vida melhor, ou seja, continuarão reféns de uma sociedade excludente, servindo apenas para o empoderamento da minoria em detrimento da maioria, que para sobreviver, terão que buscar trabalhos precários e de péssima remuneração.

Proponho que os investimentos em educação sejam direcionados para as escolas de ensino médio dando as condições necessárias para que os jovens em processo de formação e constituição de suas subjetividades e identidades recebam formação adequada para que concluam a educação básica com qualidade social e assim possam mudar a realidade em que vivem.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel (org.). *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. Porto Portugal: Porto Editora LDA, 1996.
- ARROYO, Miguel. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, Vozes, 2004.
- BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *Entre sentidos e significados: um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas*. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; WELLER, Wivian. Jovem e mulher: um estudo sobre os posicionamentos de internautas feministas. In: MENESES, Carlos Ângelo de (Org.). *Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens*. Brasília: Liber Livro, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CATANI, Afrânio, Mendes; GILIOLI, Renato, de Sousa. *Culturas Juvenis: múltiplos olhares*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2008.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Identidades juvenis e escola. *Revista de Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização e cidadania*, n.10, nov. 2000..
- _____. O Ensino Médio na transição da juventude para a vida adulta. In: FERREIRA, Cristina A. et al. (Orgs.). *Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio*. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, p. 34-49, 2011
- _____. Jovens, territórios e práticas educativas. *Revista Teias*, v. 12 • n. 26 • 07-22 • set./dez. 2011
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar, *Educação*, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DAYRELL, Juarez. A escola como um espaço sócio-cultural. In: _____(Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- _____. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização da juventude. In: VIEIRA, Maria Manuel (Coord.) *Actores educativos: escola, jovens e media*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.
- DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org). *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte - Editora: UFMG, 2014.
- FEIXA, Carles, LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude, *Revista Sociedade e Estado*, V. 25, N. 2, maio/ago 2010.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GELBCKE, V. R.; STOSKI, P. Juventudes e Escola: os distanciamentos e aproximações entre os jovens e o Ensino Médio. In: SILVA, Monica Ribeiro; OLIVEIRA, Rosângela Gonçalves de. (Org.). *Juventude e Ensino Médio: Sentidos e significados da experiência escolar*. 1ed. Curitiba: UFPR, 2016, v., p. 33-51.

GIROUX, H. A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JACQUES-SCHALLER, Jean. Conferência. In: GETESE, Grupo de Estudos de Temas em Sociologia da Educação. *Seminário de Pesquisa*. São Paulo: FE-USP, ago, de 2009. (coord. Marília Spósito).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. *Fundamento da Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2007.

LEÃO, Geraldo e NONATO, Symaira Nonato. Juventude e Trabalho. In: CORREA, Lúcia Maria, ALVES, Maria Zenaide, MAIA (Org.) *Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/POSITIVO/Downloads/Caderno-6-Juventude-e-trabalho.pdf>. Acesso: 19-09-2017.

LEITE, Márcia de Paula. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. In: LEITE, Márcia; ARAÚJO, Ângela. *O trabalho reconfigurado – ensaios sobre o Brasil e México*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009. p. 67-94.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARTINS, André Francisco Silva; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude e Participação: o grêmio estudantil como espaço educativo. *Educação & Realidade*, 2013, p 384.

MELUCCI, Alberto; Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5 v. 4, nº 2, mai/jun/jul/ago 1997, p. 3-14

MUNIZ, Luciano Borges, MEDEIROS, Regina. SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: transformações, expectativas e possibilidades em meio a lógica da empregabilidade para os jovens do Plug Minas. *Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais*, nº 42, Janeiro/Junho de 2015, p. 287-309. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/viewFile/17185/14166>. Acesso: 12-11-2017.

OLIVEIRA, Rosângela Gonçalves de. (Org.). *Juventude e Ensino Médio: Sentidos e significados da experiência escolar*. 1ed. Curitiba: UFPR, 2016, v. 2, p. 33-51.

OSCAR, Leon Dávila. *Adolescência e juventude: das noções às abordagens*. Ações Educativas, São Paulo, p. 09, 2005.

PEREIRA, Beatriz Prado; LOPES, Roseli Esquerdo. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do Ensino Médio. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 193-216, jan./mar. 2016.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade. *Arg. bras. Psicol*, vol.63, Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300007. Acesso: 24-11-2017.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHWERTNER, Suzana Feldens and FISCHER, Rosa Maria Bueno. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. *Educ. rev.*, Mar 2012, vol.28, no.1, p.395-420. ISSN 0102-4698

SILVA, Jovânia Marques de Oliveira; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. *Rev Bras Enferm*, Brasília, mar./abr. 2008;

SOUSA, Janice Tirelli Pontes de, DURAND, Olga Celestina. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. *Perspectivas*: Florianópolis. V. 20, N. Especial, pag. 163-181/jul./dez. 2002

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

ZALLUAR, Aluar. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: Vianna, H. (Org.). *Galeras cariocas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

APÉNDICE



Universidade do Estado do Pará
 Centro de Ciências Sociais e Educação
 Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED
 Grupo de Pesquisa sobre Juventude, Educação e Sociabilidades – JEDS

ROTEIRO COM TÓPICOS-GUIAS PARA GRUPOS DE DISCUSSÃO

Projeto: **Juventude e Ensino Médio: Desconstruindo Percepções, Elaborando Novas Possibilidades**

Pesquisador: Anderson Madson Oliveira Maia

Orientadora: Profa. Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo

BLOCO I – ESCOLA ATUAL

Pergunta inicial: Vocês poderiam falar um pouco sobre como foi que escolheram estudar nessa escola? (igual para todos os grupos)

Outras questões (somente se não falarem sobre os temas abaixo):

- Como vocês veem a escola de vocês? O que vocês acham que é bom ou ruim?
- Vocês poderiam falar como é o dia-a-dia de vocês na escola?

BLOCO II: EXPERIÊNCIAS ESCOLARES ANTERIORES

Pergunta inicial: Vocês poderiam falar um pouco sobre as escolas onde vocês estudaram no Ensino Fundamental? Como era estudar nessas escolas? (igual para todos os grupos)

Outras questões (somente se não falarem sobre os temas abaixo):

- Como eram os professores de vocês no Ensino Fundamental?
- Quais eram as aulas que vocês mais gostavam?

BLOCO III: EXPERIÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

Pergunta Inicial: Vocês poderiam falar um pouco sobre como é ser estudante no Ensino Médio? (igual para todos os grupos)

Outras Questões (somente se não falarem sobre os temas abaixo):

- Vocês acreditam que o Ensino Médio da escola pública pode ajudar vocês no futuro?
- Na opinião de vocês, o Ensino Médio prepara mais para o vestibular ou para o mercado de trabalho?
- Vocês acham que mais importante é preparar para o mercado de trabalho ou para o vestibular?
- O que a família de vocês fala sobre o Ensino Médio?

BLOCO IV: SER JOVEM

Pergunta inicial: Vocês poderiam falar um pouco sobre como é ser jovem hoje em dia? (igual para todos os grupos)

Outras questões (somente se não falarem sobre os temas abaixo):

- Como é ser jovem em Belém? Como é ser jovem no Jurunas?

BLOCO V: SOCIABILIDADE NA ESCOLA

Pergunta inicial: Vocês poderiam falar como é o dia a dia com os outros colegas da turma? E da escola? (igual para todos os grupos)

Outras questões(somente se não falarem sobre os temas abaixo):

- Vocês e seus colegas costumam conversar sobre os assuntos que os professores ensinam?
- Você poderia contar o que vocês costumam fazer nos intervalos das aulas?

BLOCO VI: RELAÇÃO DOS JOVENS COM OS (AS) PROFESSORES(AS)

Pergunta inicial: Vocês poderiam falar um pouco sobre o que vocês pensam dos professores da escola? (**igual para todos os grupos**)

Outras questões (**somente se não falarem sobre os temas abaixo**):

- Vocês poderiam contar um pouco como são as aulas dos professores?
- Quais os assuntos que vocês acham mais importante de aprender?
- Vocês conversam sobre futuro, sobre a escola, sobre a importância do Ensino Médio com seus professores?

BLOCO VII: LAZER/TRABALHO

Pergunta Inicial: Vocês poderiam falar o que costumam fazer nos finais de semana ou no tempo livre de vocês? (**igual para todos os grupos**)

Outras questões (**somente se não falarem sobre os temas abaixo**):

- Vocês trabalham? Poderiam falar um pouco por quê precisam trabalhar?

BLOCO VIII: PROJETOS DE FUTURO

- *Pergunta inicial:* O que vocês pensam em fazer depois que concluírem o Ensino Médio? (**igual para todos os grupos**)

BLOCO IX: OUTROS

Não temos mais perguntas. Vocês gostariam de falar ainda sobre algum assunto que a gente não conversou ainda?

Universidade do Estado do Pará
 Centro de Ciências Sociais e Educação
 Programa de Pós-Graduação em Educação

ROTEIRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Projeto: **Juventude e Ensino Médio: Desconstruindo Percepções, Elaborando Novas Possibilidades**

Pesquisador: Anderson Madson Oliveira Maia

Orientadora: Profa. Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo

Prezado/a Jovem,

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre jovens estudantes do Ensino Médio Noturno e suas percepções sobre a escola. Para isso, peço sua participação voluntária no preenchimento individual deste questionário. Sua colaboração é muito importante para a pesquisa.

TODAS AS INFORMAÇÕES SERÃO TRATADAS COM RIGOR E SIGILO.

Identificação

1. Nome: _____

2. Nome fictício - como gostaria de ser chamado/a: _____

3. Série: _____

4. Idade: _____

5. Cor/etnia: Branco () Preto () Pardo () Outra: _____

6. Estado civil: solteiro/a () casado/a () separado/a () outros _____

7. Religião: _____

8. Tem filhos? sim () não () número de filhos: _____

9. Situação atual: Somente estuda () Estuda e trabalha () Faz estágio ()

Moradia

10. Local em que vive atualmente: _____

11. Há quanto tempo mora neste local? _____

Escola

12. Em que tipo de escola você já estudou?

() Somente escola pública

() Somente em escola privada

() Em escola pública e privada

13. Em sua opinião, o que tem de melhor na sua escola? _____

14. O que falta na escola onde você estuda? _____

15. Por que escolheu a escola em que estuda atualmente? _____

16. Você acha que a escola em que estuda pode lhe ajudar a alcançar seus sonhos no futuro? () Sim () Não

17. Como vai para a escola? () a pé () bicicleta () ônibus () moto () carro de familiares () outros

Escolaridade e profissão dos pais

18. Escolaridade da mãe:

Ensino Fundamental: completo () incompleto ()

Ensino Médio: completo () incompleto ()

Ensino superior: completo () incompleto ()

19. Profissão da mãe: _____ Renda mensal: _____ () não sabe

20. Escolaridade do pai:

Ensino Fundamental: completo () incompleto ()

Ensino Médio: completo () incompleto ()

Ensino superior: completo () incompleto ()

21. Profissão do pai: _____ Renda mensal: _____ () não sabe

Dados Complementares

22. Qual seu lazer preferido: _____

23. Você faz parte de algum grupo dentro ou fora do seu bairro?

() Esportivo (time de futebol)

() Religioso (grupo de jovens de igreja/organizações religiosas)

() Outros

() Não participo de nenhum grupo

24. Você utiliza redes sociais () sim () não

Se sim, qual? _____

25. Quanto tempo e onde costuma acessar a internet?

26. Você pretende fazer ENEM ou vestibular? () Sim () Não

27. Se sim qual curso superior pensar em fazer? _____

Muito obrigada

**Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: DESCONSTRUINDO PERCEPÇÕES,
ELABORANDO NOVAS POSSIBILIDADES.**

*Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A colaboração, neste estudo, será na forma de Entrevista. Você pode desistir a qualquer momento e não haverá impedimento ou nenhuma espécie de prejuízo em função dessa decisão.
Muito obrigado!*

A proposta em estudo consiste em **JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: DESCONSTRUINDO PERCEPÇÕES, ELABORANDO NOVAS POSSIBILIDADES.**

Objetivamos com esta pesquisa investigar as representações dos jovens sobre as distâncias e aproximações entre suas expectativas e as experiências proporcionadas pelas práticas educativas docentes desenvolvidas nas escolas públicas de Ensino Médio, de Belém do Pará, para construção de suas identidades, no período de 2014 a 2016.

De forma mais específica, busca-se:

- a) *Caracterizar o jovem das escolas públicas de Ensino Médio de Belém;*
- b) *Analisar as percepções dos jovens das escolas públicas de Belém sobre o Ensino Médio;*
- c) *Discutir as percepções dos jovens sobre as distâncias e aproximações entre as práticas educativas dos professores com a construção da identidade da juventude nas escolas públicas de Ensino Médio de Belém;*
- d) *Discutir as expectativas dos jovens das escolas públicas de Belém ao concluírem o ensino.*

A pesquisa será de abordagem FENOMENOLOGICA e o instrumento será a entrevista, que é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de forma bilateral. Para este estudo escolhemos realizar as entrevistas por grupo de discussão.

No caso de alguma dúvida ou consideração os/as responsáveis pela pesquisa é ANDERSON MADSON OLIVEIRA MAIA portador do RG 3242955 e CPF 641.918.932-20 estudante do curso MESTRADO EM EDUCAÇÃO, orientado pela professora LUCELIA DE MORAES BRAGA BASSALO, docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA) situada na Rua do Una, nº 156, Telégrafo.

Garantimos a retirada do consentimento a qualquer momento, assim como o abandono de participação no estudo sem qualquer prejuízo. As informações serão analisadas e fica garantido o sigilo da identificação dos e das participantes.

Os e as participantes têm o direito de serem mantidos/as atualizados sobre os resultados que sejam do conhecimento das pesquisadoras. Não há despesas pessoais para os e as participantes nem compensação financeira relacionada à sua participação.

Estou ciente do compromisso das pesquisadoras de utilizar dados e o material coletado somente para pesquisa e que poderão ser divulgados em meios científicos (congressos, revistas, artigos, etc.) nacionais e internacionais. Declaro estar suficientemente informado (a) a respeito do que li descrevendo este estudo.

Sendo assim, declaro que estou ciente acerca de quais são as propostas do estudo, os procedimentos que serão realizados, as garantias de confiabilidade e de esclarecimento pertinente a qualquer dúvida no processo de investigação.

Declaro também que tenho compreensão de que a participação nesta pesquisa é isenta de despesas, de compensação financeira e que não oferecem riscos morais, psicológicos, de vida e de saúde.

Eu,

_____ (nome do entrevistado), autorizo a utilização dos dados obtidos na realização da dinâmica acima citada, para fins científicos e educacionais, realizada pelo ANDERSON MADSON OLIVEIRA MAIA, estudante (s) do curso de MESTRADO EM EDUCAÇÃO, ofertado pela Universidade do Estado do Pará - UEPA.

Belém, _____ de _____ de 2017.



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Tv. Djalma Dutra s/n – Telegrafo
www.uepa.com.br